

# Antologia de Victor Severo



Apresentado por

*Meu Lado Poético* 

## Dedicatãria

*Edizio e Regina.*

## Agradecimentos

Edízio e Regina.

## resumo

Delírio

Cativeiro

Arauto

Veneno

O rio e o gado.

A dança das serpentes.

O teu olhar.

Exílio.

Bon appétit.

Luz e trevas.

Apostasia

Confissão

Pai.

Mãe.

Par perfeito.

Gargalhada.

Prisão

Meio assim, meio assado.

Condenados

Na choupana do inimigo. (A mais pura verdade ou a verdadeira mentira diluída).

Imperfeito amar.

Caramujo.

Adeus Atena...

Tédio cotidiano.

Descrever o descrer.

O tombo da corja cancronarista.

Fuga

Defuntos opulentos

Terrível disparate.

Maria.

Promessa.

Nosso amor.

Submissão.

Ódio escolhido.

Miragem.

Passageiros da noite sem fim.

Tsunami.

Esperança.

Desesperação.

Pretérito.

Ontem estrela, hoje carvão.

A dor.

Aquele mascarado.

Escravidão.

Solilóquio de uma sombra.

Ilha.

Dor.

Um pontinho perdido na estrada.

Homem, gado.

Quem nos dera...

Desejo.

Cadáver e fantasma.

Morto e Viva.

Suco biliar.

Sem querer.

Espelho.

Nossa rede.

Hemorragia.

Baco Dionísio

Amargo âmago.

Centúria.

Súcubo.

Esse sonho.

Sacrifício necessário.

Fuja enquanto é tempo.

À deriva.

Aquela mulher.

Margarida.

A caçada.

Domingo e segunda.

Eu, você e “eles”.

A teu lado.

Fardo desejado.

Já não bebo mais cachaça com água de coco.

Obituário.

Alma profana.

Foi-se o tempo.

De repente.

Carcaça

Consumindo-se.

Nobre Defunto.

Pe. Júlio Lancellotti.

Amarga paixão.

Pobre diabo.

Oclusão.

Solerte.

Dilema.

Sopa de letrinhas.

Mulher.

Aos homens que não amam as mulheres.

Nos teus campos (01)

Nos teus campos (02)

Em tuas entranhas.

Nada faz sentido.

Descoberta.

Um minuto apenas.

O odor da dor.

Armadilha.

Triste matilha.

Vem do mar.

“Ode” aos canalhas.

Carraspana.

Enxurrada.

Sentença

Doce Senhora.

Teu templo.

Vingança.

Doce veneno.

Crença.

Perfídia.

Nobre Doutor.

Nosso reino.

A queda do rei.

Ressurreição.

Refúgio.

Reaja!

Quimera.

Esconderijo.

Inocência.

Brisas e Monções.

Ode a todos os Cancrovermes.

Capricho.

Estigma.

Imensos vazios.

Tua sombra.

Longe de ti.

À espera da chuva.

Falso amor.

Inglório

Desamor

Berenice.

A paz.

O melhor remédio.

Meu mundo.

Noite velha.

Saudade de você.

Teus seios.

Mulher.

Sem cura.

O tempo.

Sozinha.

Ressaca.

Despedida.

O grito.

Ode aos vis.

Perseguição.

Teu abraço.

Culpa.

Náufragos.

Em silêncio.

Degredo.

Indigente.

Sombra.

Não vá.

Lacrimare.

Inveja.

Os diabos.

Teu mar.

Indiferença.

Triste resumo.

Abandono.

Última oração.

Se...

Nas noites em que eu te buscava.

Marmóreo.

Aventura.

Falsidade.

Cego.

Teu templo.

Tempo.

Abiectum

Um certo dia...

Pequenas coisas ou coisas pequenas...(Prosa poética)

Apareça...

As dores do tempo...

Êxtase.

Dívida.

Recomeçar.

Pela glória que não se realizou...

## Delírio

**Me desespero, me destempero.**

**Me exaspero, me exonero.**

**Desse mundo sujo, roto e desbotado.**

**Desse sol que queima mais que arrependimento.**

**Dessa chuva que cai em blocos de cimento.**

**Dessa noite que me esmaga com seu fardo.**

**Eu transpiro, eu suspiro.**

**Eu blasfemo, eu deliro.**

**Em pranto copioso, em prece devotada.**

**A devora-me no brutal vazio.**

**Congelado de calor, queimado pelo frio.**

**De ansiar por tudo e não me contentar com nada.**

## Cativeiro

**Me sequestre.**

**Me afogue.**

**Me afague.**

**Me esmague.**

**Venha comigo.**

**Chuva incessante.**

**Fogo amigo.**

**Angústia lancinante.**

**Me torture.**

**Me devore.**

**Me despreze.**

**Me deflore.**

**Venha comigo.**

**Chuva incessante.**

**Nenhum abrigo.**

**Sonho distante.**

**Me flagele.**

**Me mutila.**

**Me fustigue.**

**Me humilhe.**

**Me amordace.**

**Me beije, me abrace.**

**Me leve daqui.**

**Para onde você quiser.**

**Para junto de ti.**

**Venha comigo.**

**Parte de mim.**

**Chuva incessante.**

**Gozo sem fim.**

## Arauto

Na sombra da meia noite  
Ou no ardor do meio dia.  
Repito um credo, uma litania.  
Na ilusão de minha dor aplacar.  
E no êxtase de tamanha agonia.  
Nessa amargura lampejante e fria.  
Penso escutar um anjo sussurrar.  
O que murmura esse ditoso anjo?  
Será um querubim, será um arcanjo?  
Será que quer minha prece arremedar?  
Se compadece de minha desgraça?  
De minha alma já entregue às traças.  
Ou de minha insanidade vem zombar?  
Mas em silêncio e inerte me observa.  
Traz um recado, que guarda com reserva.  
Chegou a hora de me revelar.  
Eis o que disse o mesquinho anjo.  
Que não era um querubim, tampouco arcanjo.  
Eis o que tinha para me falar.  
Abriu sua boca cheia de preguiça.  
E como num sermão de odiosa missa.  
Solene e cínico colocou-se a gritar:  
"Viva sua vida triste e desgraçada.  
Caia, rasteje no lodo da estrada.  
Prossiga, sofra, sem nunca descansar.  
Viva e morra no esquecimento.  
Sem poder sequer murmurar um lamento.  
Sem esperar por nada que possa lhe salvar".

## Veneno

**De mentira em mentira.  
Contada, engolida.  
Vamos enchendo o bucho.  
Esvaziando a alma.  
Perdendo a esperança.  
Sensação de torpor.  
Amizades desfeitas.  
Amores perdidos.  
Promessas, velhas lembranças.  
Escape, solidão.  
Consciência tranquila.  
Uma mentira.  
Sensação de dever cumprido.  
Mas uma mentira.  
Felicidade.  
A maior de todas.  
Nem falo de liberdade.  
Podemos escolher entre a escravidão e o autocídio.  
Eis a única verdade.**

## O rio e o gado.

**O gado boiando, afogado de bucho inchado**

**No rio de merda e lama, outrora um rio qualquer.**

**Agora o rio está fadado, a deixar de ser rio, será somente um grande charco.**

**O gado fedendo, putrefato, me dá a impressão que agora fede menos, o gado.**

**Não tenho pena desse gado que morreu pela boca, tenho pena desse rio que foi pelo gado para sempre contaminado.**

## **A dança das serpentes.**

**Posso contar nos dedos as pessoas que não me entediam.  
Construções mal-acabadas.  
Instrumentos com defeito  
Pedras rolando ribanceira abaixo.  
Olhos súplices por amor  
E que não sabem amar, não querem tentar.  
A dualidade, a vaidade, o desencanto.  
Dançamos até cair em prantos.  
Lamentando a noite perdida  
Ansiando pelo dia que nunca virá.  
Posso jurar que estou certo.  
Mas apostado que estou errado  
Cair para cima, ouvir calado.  
Sorrir chorando, chover no molhado.  
Espelho, espelho meu...  
Existe alguém mais feio que eu?**

## O teu olhar.

Espirar, respirar.

Prosseguir, me auto sabotar.

Extinguir, procriar.

Perder tudo o que não tenho pelo teu olhar.

Terra prometida em que nunca vou pisar.

Chama do inferno em seu eterno flamejar.

Relva do paraíso com seu doce verdejar.

Pálido anseio, vã esperança.

Cruel devaneio, terrível lembrança.

No teu olhar eu vislumbro um céu que jamais alcançarei.

Patético vassalo que vive a sonhar ser rei.

Oh, minha patética condição.

Monstro enjaulado cativo dessa prisão.

Louco enclausurado nessa imensa tentação.

Morrer por teu olhar, o mais lindo dos poemas.

Viver a padecer o mais doce dos dilemas.

## **Exílio.**

**Chega de sofrer.**

**Nem toda luta acaba em luto.**

**Chega de chorar.**

**O sofrimento é o suprimento dos fortes.**

**Para de reclamar.**

**Derrama tuas lágrimas em segredo.**

**Aos outros não importa teu degrado.**

**Não és o único nessa terra**

**A padecer dessa guerra.**

**Carrega tua alma mutilada para junto de mim.**

**E vem derramar tuas angústias em minhas entranhas.**

**Me abraça e dorme comigo até tudo morrer.**

## **Bon appétit.**

**No banquete antropofágico.  
Com a carne dos liberais.  
Dos ricos, soberbos boçais.  
Vai ter carne para todo mundo.  
Que necessite celebrar.  
Carne de rico na mesa.  
Banquete para a pobreza.  
Sangue para se embriagar.  
Um petisco para os pobres.  
Carne fina, corte nobre.  
De bucho cheio arrotar.**

**No bucho da nossa classe.  
Temperadas com pistache.  
A carne da realeza.  
Os banqueiros, os senhores.  
Os infames especuladores.  
As tripas de vossa alteza.**

**Costelas das ricas madames.  
Até seus cachorrinhos infames.  
Poderão em baixo da mesa.  
Comer as sobras do banquete.  
Correr em volta com deleite.  
No banquete da pobreza.**

**Vamos nos banquetear.  
No almoço e no jantar  
Vamos confraternizar.  
Estão todos convidados.  
Que venham de todos os lados.  
Venham todos comungar.**

**Exceto os pobres vassalos  
Que serviram de bom grado  
Com dolo de servil gado.  
Aos senhores de outrora.  
Sua sorte está traçada.  
E na próxima fornada.  
Chegará a sua hora.**

## **Luz e trevas.**

**Aurora, doce aurora.**

**Alegria de hoje, tristeza de outrora.**

**Tira-me daqui, aparta-me sem demora.**

**Das trevas que me assombram, da sombra que me apavora.**

**Crepúsculo, amargo crepúsculo.**

**Prenuncio da escuridão, que esmaga meu coração.**

**Corra rápido, fuja de mim.**

**Para outra direção.**

**Para o fundo do mar sem fim.**

## Apostasia

São eles que com suas "fezes".  
Transformam nossas vidas em um inferno.  
Foram sempre eles, a mando de quem.  
Sabemos muito bem.  
Que sempre detiveram o poder.  
E não é o diabo, nisso eu posso crer.  
Não é mesmo, posso apostar minha alma.  
Tolos em suas trincheiras  
Ladinos em suas latrinas.  
Lobos famintos esperam as ovelhas preguiçosas.  
Um surto de fé.  
A preguiça, a má vontade.  
Orem por mim, peçam por mim.  
Recebam em meu nome.  
A cobiça, a vaidade.  
Dementes e crentes.  
Cretinos em suas oficinas  
Do púlpito brada um lobo nervoso.  
De súbito, curou-se mais um leproso.  
Adoração, combustão de enganos.  
Um feche de luz banha o rebanho.  
Mais um milagre precário.  
Um surto de fé.  
A preguiça, a má vontade.  
Orem por mim, peçam por mim.  
Recebam em meu nome.  
A luxúria, a santidade.  
À procura do lobo  
Bale o ordinário.  
Inquilino acorrentado no porão do sicário.  
Salve-se se puder  
Sem jamais perder a fé.

## Confissão

**Desencanto.**

**Vertido em pranto.**

**Desencanto.**

**Cingido de luto.**

**Escondido no arbusto.**

**De alma maltrapilha.**

**Sórdida portanto.**

**Desencanto.**

**Adormecido por acalanto.**

**Lançado em triste sono.**

**Mergulhado em abandono.**

**De espírito enlutado.**

**Esquecido portanto.**

**Desencanto.**

**Triste sina essa de sofrer sem descanso.**

**A comer a placenta sem feto.**

**Lamber a chaga do peito aberto.**

**Corpo putrefato.**

**Morto portanto.**

## **Pai.**

**Meu doce cavalheiro de armadura de flores.  
Depositou-me na vida, apesar de teus temores.  
Guiou-me por caminhos antes nunca percorridos.  
Ensinando-me a enfrentar os piores dos perigos.**

**Foram tantas as tormentas, inimigos enfrentados.  
Tempestades acalmadas, dissabores derrotados.  
Mas logo ao nascer do dia, vencida a noite sombria.  
Perdoados os pecados, nunca me senti sozinho.  
Tua armadura, meu ninho.  
Sempre esteves do meu lado.**

**Hoje meu doce cavalheiro já se encontra cansado.  
E hoje eu sigo no caminho antes por ele trilhado.  
Mas meu doce cavalheiro pode dormir sossegado.  
Descanse serenamente, eu farei do teu meu fardo.**

## **Mãe.**

Poema nenhum lhe faz jus.  
Beleza alguma possui tua luz.  
Constelação de amor.  
Infinito de bondade.  
Na alegria ou na dor.  
No reencontro, na saudade.  
Toda a pureza do mundo.  
Toda a lágrima já derramada.  
A eternidade, o para sempre, um segundo.  
Tudo isso sem ti é nada.  
E desde sempre serás o meu abrigo.  
E para todo o sempre serás minha morada.  
Presente que a perfeição repartiu comigo  
A face de Deus em um rosto adornada.

## **Par perfeito.**

**Pergunte a quem me conheceu.  
Vasculhe minha vida vazia.  
Procure saber quem fui eu.  
Existência suja e fria.**

**Boca amarga de ressaca.  
De cada cigarro fumado.  
Um olhar soturno e triste.  
Um sorriso debochado.**

**Faça força para lembrar.  
Se um dia encontrou alguém.  
A quem mais odiou fitar.  
Por quem mais sentiu desdém.**

**Se concentre para olvidar.  
De quem nunca se esforçou.  
Em fingir um falso amar.  
Ou lucrar com uma falsa dor.**

**Se esmere em confrontar.  
Se não se parecez comigo.  
Se sou tão pequeno assim.  
Lhe pareço repulsivo...**

**E quando menos esperar.  
Chegará à conclusão.  
Que sou teu perfeito par.  
Teu inferno e perdição.**

## Gargalhada.

Estou rindo até quase perder os sentidos.  
De tanta estupidez, de tamanha repetição.  
Rio dos lobos com seus uivos e ganidos.  
Mas tenho medo das ovelhas e seus balidos.  
Gozo e suspiro com o ruído de um trovão.

Rio dos escravos vaidosos de suas tripas.  
Perdidos na luz a procura de escuridão.  
Arrotando vaidades após um banquete de carniças.  
Empanzinados com a torpeza que alimenta a multidão.

Dos cegos que desvairados fingem o além enxergar.  
Profetas de desatinos, abortos da natureza.  
Dos moucos alucinados que mentem tudo escutar.  
Loucos que iludem os incautos com suas falsas proezas.

E de repente na loucura incontinente.  
Brota-me o choro que me afoga inclemente.  
Falta-me o ar, me dá vontade de gritar.  
Brutal vazio avassala minha mente.  
Fruto do riso, frio, torpe e inconsciente.  
Que eu gerei para me auto flagelar.

## Prisão

**Amordaçado...**

**Quando meu eu se derramar para dentro do abismo sem fim.**

**E no precipitar-se eterno eu acordar e resolver me reinventar.**

**Vou parir para você o melhor de mim.**

**Descobrir o quão amargo é viver para te amar.**

**Insubordinado...**

**Essas trevas me deixam sossegado.**

**Se eu por acaso me encontrasse com a luz, sairia de lá derrotado.**

**Desolado...**

**Prisioneiro em um coito sem fim.**

**Meu único alento e saber que vou sofrer ao teu lado.**

**Asfixiado...**

**O quadro pintado na janela é sombrio.**

**O pouco que me faz sonhar é o vazio.**

**Revoltado...**

**Quando meu mundo se derramar para dentro do abismo sem fim.**

**E no precipitar-se eterno eu acordar no meio do teu jardim.**

**Vou orbitar ao teu redor até derreter a cera de minhas asas.**

**Me afogar em tuas águas escuras e profundamente rasas.**

## **Meio assim, meio assado.**

**Ando meio assim sem rumo.  
Acho que perdi o prumo.  
Nessa terra de ninguém.  
Pele seca enegrecida.  
Boca cheia de feridas.  
Bolsos sem nenhum vintém.**

**Ando assim meio tristonho.  
Com o horizonte enfadonho.  
Que vislumbro à minha frente.  
Faz muito tempo não sonho.  
Só pesadelos medonhos.  
Pululam em minha mente.**

**Ando assim meio absorto.  
Meio vivo, meio morto.  
Com nojo de tanta gente.  
Que fede feito carniça.  
Com sua alma de preguiça.  
E veneno entre os dentes.**

**Ando assim meio cismado.  
Pouco sensibilizado.  
Com tanta pobreza moral.  
Ostentação de vaidade  
Vilania e mediocridade.  
Proliferação do mal.**

**Ando assim meio que tonto.  
Com tanto discurso pronto.  
No velório da verdade.  
Que transformada em mentira.  
Arde em assombrosa pira.**

**Triste fim da humanidade.**

## Condenados

**Preto, pobre, favelado.**

**Culpado!**

**Índio, negro, exilado.**

**Culpado!**

**Cego, surdo, aleijado.**

**Culpado!**

**Sem terra, sem teto, drogado.**

**Culpado!**

**Indigente , insurgente , indiciado.**

**Culpado!**

**Bêbado, puto, alienado.**

**Culpado!**

**Ateu, plebeu, inconformado.**

**Culpado!**

**Velho, feio, desdentado.**

**Culpado!**

**Doente , carente , escravizado.**

**Culpado!**

**Bicha , analfabeto, refugiado.**

**Culpado.**

**Culpado.**

**Culpado!**

## **Na choupana do inimigo. (A mais pura verdade ou a verdadeira mentira diluída).**

**Se abrace com a mentira.  
Faça dela sua lira.  
Mesmo contra sua vontade.  
Abandone o que resta de verdade.  
A verdade com sua luz infinda.  
Que não podes ver ainda.  
Talvez nunca poderá.  
O que lhe resta é a mentira.  
E ela que lhe salvará.  
Mas para onde queres ou pensas ir?  
Depois daqui , o que lhe restará?  
O ócio ou a desolação.  
A morte ou a redenção.  
Onde queres descansar?  
Só lhe resta de abrigo.  
A choupana do inimigo  
Onde irás encontrar.  
A verdade derradeira.  
Que a mentira é verdadeira.  
Que é eterno o se enganar.**

## **Imperfeito amar.**

**Amor é um troço imperfeito**

**E eu te amo de um a forma imperfeita, amorfa, animal, gutural, desprovida de regras, indolente, inclemente, preguiçosa, irracional.**

**Mas, claramente opcional, ou não...**

**E quando digo que te odeio, te amo mais ainda, e nem adianta me passar na cara, quando eu estiver rangendo os dentes, pronto para lhe atacar, não se assuste, não me julgue, é puro medo de te amar.**

**Portanto, o que vier daí e for amor eu aceito.**

**Como uma dentada, uma crise de ciúmes, um grito de medo de uma barata voadora, um abraço apertado, ou a mais cruel das sentenças, sibilada no meu pé de ouvido antes de eu ir dormir: Eu te amo!**

## **Caramujo.**

**Fazes tanta força para demonstrar que amas.  
Tantas afetações para se mostrar do bem.  
Que esqueces da fome que em tua porta clama.  
Do choro e sofrimento dos que nada tem.**

**Sonhas com o paraíso de mil gozos e deleites.  
Com um deus forjado à tua imagem e semelhança.  
Sendo incapaz de saciar com carinho e leite.  
Sequer a boca faminta de uma pobre criança.**

**Defendes com afinco o mito da verdade.  
Persegues com insultos quem não se assemelha.  
Aquele que não comunga de tua castidade.  
Ou para tua santidade não se ajoelha.**

**Já ver-se apossado da terra prometida.  
Já se dizendo parte dos santos escolhidos.  
Mesmo desprezando aqueles a quem esmaga a vida.  
Ignorando sempre a dor dos oprimidos.**

**E no recanto santo de tua devoção.  
No templo abençoado do teu egoísmo.  
Investes tão somente em tua salvação.  
Rastejando para um céu, sepulto em um abismo.**

## Adeus Atena...

Penso comigo mesmo.  
Que quero parar de pensar.  
Dá trabalho, custa caro.  
Muito peso para aguentar.  
Quero parar já com isso.  
Não quero mais compromisso.  
Pensar ficou para paspalho.  
Vou seguir essa manada.  
Vou me embrenhar no atalho.  
Pois pensar não dá em nada.  
Pensar adocece o corpo.  
Pensar envelhece a alma.  
Prefiro um cérebro oco.  
Uma vida vazia e calma.  
De que viver no sufoco.  
Com a revolta que espalha.  
Na alma o padecimento.  
No espírito o sofrimento.  
Qual tecido de mortalha.

## **Tédio cotidiano.**

**Acordar, sorrir, se espreguiçar.**

**Levantar, defecar, tomar banho, comer, sair para trabalhar.**

**Obedecer, ouvir, cumprir, copiar.**

**Suar, aceitar, assumir, corrigir, acatar.**

**Comer, dormir, sonhar, fugir, retomar.**

**Levantar, aplicar, insistir, enfrentar.**

**Olhar, sentir, desistir, se entregar.**

**Encerrar, seguir, partir, retornar.**

**À rotina de sempre, ao desconforto do lar.**

**Chegar, cuspir, fumar, beber, olvidar.**

**Urinar, tomar banho, jantar.**

**Deitar no sofá, assistir as notícias, ser enganado, se deixar enganar.**

**Para que, por que, sei lá...**

**Se deitar, não dormir, fornicar, mentir, fumar outro cigarro, se lavar.**

**Novamente deitar, rezar, tossir, dormir, sonhar...**

## **Descrever o descrer.**

O que me encharca de pesar.  
Me tortura o coração.  
E que o mal sempre vence o bem.  
E aqui ou no além.  
O mal tem sempre razão...  
Comemoram na certeza.  
Que tudo será perdoado.  
Ou esquecido.  
Desfilam seu ódio exibido.  
Nem mais tramam na escuridão.  
Exército desgraçado.  
Súcia de amaldiçoados.  
Monstros em decomposição.  
A canalhice orgulhosa.  
A brutalidade trevosa.  
O ódio em ostentação.  
Angariando servidores.  
Se alimentando de dissabores.  
Disseminando a escravidão.  
E antes do sono cansado  
Nós escravos ultrajados.  
Nos recolhemos na humilhação.  
Para acordar com a pobreza.  
E lamentar com certeza.  
O mal tem sempre razão...

## O tombo da corja cancronarista.

Sai daqui espírito imundo.  
Zombeteiro, vagabundo.  
Mamador desocupado.  
Cancroverme desgraçado.  
Miliciano ordinário.  
Ou militar doutrinado.  
É tudo da mesma corja.  
São todos o mesmo gado.  
Racista fascista misógino.  
Que vive a matar mulher.  
Covarde encapuzado.  
Pregador da falsa fé.  
Pusilânime mentiroso.  
Entreguista asqueroso.  
Catinga do cu do cão.  
Arrogante de "Bragança".  
Parasita de herança.  
Além de canalha, ladrão.  
Tua hora vai chegar.  
Tuas contas vais pagar.  
Tu que vives a gargalhar.  
No abismo mais profundo.  
E eu quero de longe escutar.  
Teu choro e gemido ecoar.  
No além, lá no outro mundo.  
E o inferno semear.  
Com tantos mil choros assim.  
E com o pranto recordar.  
Do mal que viveste a praticar.  
Sem ter a quem mais apelar.  
Tarde demais será o fim.

## Fuga

Sabes bem que de onde venho.  
Não existe amanhã.  
Portanto desprezo ferrenho.  
Tuas velhas promessas vãs.

Sai daqui, larga minha mão,  
Tira de mim esse olhar.  
Vou me perder por aí,  
Nem pense em me procurar.

Vou escalar cada montanha,  
Nadar por todo o oceano.  
Explorar cada entranha.  
Me curar desse engano.

Dessa mais cruel doença.  
Desse engado me curar.  
Da mais mentirosa crença.  
Que foi um dia te amar.

## Defuntos opulentos

**Minhas condolências a todos aqueles mortos em vida.**

**Que se fizeram cegos por preguiça de enxergar.**

**Que vagam decompostos em suas alegrias fingidas.**

**Que se tornaram podres por puro medo de amar.**

**Externo minha repulsa a todos aqueles que se perderam no caminho.**

**Que tropeçaram na ilusão da opulência enganadora.**

**Que conquistaram palácios e puseram fogo em seus ninhos.**

**Que se tornaram escravos da mentira constrangedora.**

**Quero deplorar todos aqueles que parasitam seus semelhantes.**

**Todos aqueles que ultrajam e maltratam os pequenos.**

**Que apesar de seus perfumes, bens e joias rutilantes**

**Sabem que nos sepulcros os despojos fedem menos.**

**Portanto, meus pêsames aos defuntos donos do mundo.**

**Desfrutem dos seus gozos e prazeres enquanto é tempo.**

**Relaxem e aproveitem sua condição a cada segundo.**

**Já que aos vermes na eternidade servirão de alimento.**

## **Terrível disparate.**

**Por você eu morro ou mato.  
Por esse olhar nada inocente.  
Esse sorriso barato.  
Esse engano inclemente.  
Esse sutil desacato.  
Amarrado aos teus pés.  
Vítima de cruel revés.  
Afogado em teu regato.**

**Por você eu mato ou morro.  
A implorar por resgate.  
Desprezando teu socorro.  
Oh, terrível disparate.  
Constantemente discorro.  
Sequioso por teu mel.  
Sigo sorvendo teu fel.  
Doce fim, louco arremate.**

## **Maria.**

**Me entrego a sincera prece.  
Em busca de tua luz.  
Amor que minha alma aquece.  
Mãe do divino Jesus.  
Força que resplandece.  
Imenso amor me seduz.  
Bondade que prevalece.  
E a perfeição nos conduz.**

**Aos teus pés me ajoelho.  
Em busca de redenção.  
Da eternidade o espelho.  
Vislumbro em teu coração.  
Eu que navego imaturo.  
Em um mar de escuridão.  
És meu farol, porto seguro.  
Minha perene salvação.**

## **Promessa.**

**No meu mundo  
Para todo mundo.  
Vai sobrar espaço.  
Um gozo profundo.  
Um frio mormaço.  
Um beijo na boca.  
Um simples abraço.  
Um prato de sopa.  
O fim do cansaço.**

**Não tenha pena dos que choram.  
Mas sim daqueles que comemoram.  
Sobre a miséria de alguém.  
Ensimesmados que deploram.  
Com violência apavoram.  
Por fim não serão ninguém.**

**Vem, me acompanhe.  
Não se acanhe, tudo bem.  
Nesse meu cortejo infame  
Coma de minha alma.  
Dê-me tudo o que tem.  
Beba de minha calma.  
Não se acanhe, tudo bem.  
Retire de minhas entranhas.  
O que sobrou de alguém.**

## **Nosso amor.**

O que de nós restou.  
Quebrado, finado.  
O que de nós sobrou.  
Em luto, desconsolado.  
Que não desabrochou.  
Surrado, esfarrapado.  
Que você desprezou.  
Imaturo, desajustado.  
Que não se propagou.

**Assim foi nosso amor.**

E o que será da gente.  
Que se despartou.  
Daqui para frente.  
Pois só a dor ficou.  
Constante, inclemente.  
Aqui se alojou.  
E vejo claramente.  
No que se transformou.  
Raquítico, doente.

**Assim foi nosso amor.**

## **Submissão.**

**Não perca seu precioso tempo comigo.  
Me impingindo adulações, me chamando de amigo.  
Pela fresta da porta da vida espiei o que você quer.  
Um pontinho escuro na estrada, é isso que você é.**

**Dorme com todos os outros e alega sonhar comigo.  
Frequenta palácios, mas para se esconder, procura meu pobre abrigo.  
Com seus pares se delicia desprezando meu desejo.  
E a mim oferece as sobras, o sujo e impuro sobejo.**

**Quando eu imploro por água, tu me ofereces vinagre.  
Rastejando em maldição, me tomando por milagre  
Se farta em ricos banquetes, rejeitando minhas migalhas.  
Me iludindo com promessas e mentiras ordinárias.**

**E assim sigo tentando a todo custo deixar.  
Esse mal que me escraviza, isso que eu chamo de amar.  
Ensaio todo o tempo, o desatar do nó, um novo recomeço.  
Mas caio de novo na armadilha sórdida do meu auto desapareço.**

## **Ódio escolhido.**

**O ódio cega quase sempre aquele que nunca enxergou.  
Onde o bruto enlouquecido a muito se afogou.  
Combustível fóssil da pequenez humana.  
Fuligem pavorosa que das almas pobres emana.**

**Ó ódio que alimenta as máquinas moedoras de alma.  
Que transforma em confusão o que ontem era calma.  
Esse ódio que sustenta a indústria do terror.  
Mas o que hoje é ódio, amanhã será mais dor.**

**O ódio que gera fome, medo, caos e escravidão.  
Que faz ruir reinos inteiros, que alcança cada rincão.  
O ódio que mata, maltrata, fere e que não poupa ninguém.  
Que rouba, suga, devora o pouco dos que nada tem.**

**Hoje em dia como sempre o ódio é bem orquestrado.  
Os que fomentam esse ódio estão bem organizados.  
Distorcendo, manipulando, em embuste ordinário.  
Entregaram a nação nas mãos do infame CANCRONARO.**

## Miragem.

Tua lembrança que me invade.  
Todo santo dia, no fim da tarde.  
E me consome, rosto sem nome.  
E me tortura, parece fome.

Que me emudece, total silêncio.  
Que vai do centro ao arrabalde.  
Que dói por dentro, no pensamento.  
Me engana sempre, tremenda fraude.

Mata queimando, terra molhada.  
Que me agonia, a fantasia.  
Levando tudo, deixando nada.  
O fim dos sonhos, lápide fria.

Furta meu sono, vil debochada.  
Come minha carne até se fartar.  
Me abandonando, pobre sem nada.  
Deixando a loucura em seu lugar.

## **Passageiros da noite sem fim.**

**Perecendo, mumificados, apodrecendo hirtos.  
Em uma nave que afunda lentamente na escuridão.  
Aglutinados, amotinados, -----escravizados, convictos.  
À luz de velas, desocupados, traídos pela presunção.  
Sobre o instinto natural, lutar e sobreviver.  
A esperança que se desmancha.  
Demoramos muito para perceber.  
O lento caminhar sobre a prancha.**

**Essa ração envenenada que é servida diariamente.  
Esses anúncios que entorpecem os sentidos.  
Realidade paralela que desidrata nossa mente.  
O lixo apelidado de música que apodrece os ouvidos.  
Alucinados por consumo, almas sem rumo.  
Zumbis viciados, fios desencapados, pobres coitados.  
Da confusão a imagem, da torpeza o resumo.  
Passageiros da noite sem fim, da luz para sempre desgarrados.**

## **Tsunami.**

**Quando o tsunami da pobreza se concretizar.  
Vai ser lindo pois vai destroçar.  
Vai esmagar, aniquilar, vai afogar.  
E no final, levará toda a riqueza.  
Com toda a sua torpeza.  
Com sua avareza, adeus vossa alteza...  
Para bem longe, vai enterrar.  
Depositar seus opressores.  
Se livrando de seus horrores.  
    No fundo mais profundo do eterno mar.  
Vamos lá bendito tsunami.  
Arrasta para o mar essa corja infame.  
Com a força das entranhas de um vulcão.  
Destrua com a força da pobreza.  
A malta desprezível da nobreza.  
Nos livre dessa rica aberração.**

## **Esperança.**

**Que essa luz não apague, antes que eu acabe, o que tenho para dizer.  
Que o céu não desabe, porque um dia, quem sabe, tu virás me socorrer.  
Que todo poeta se cale, que todo narrador não narre o que irá suceder.  
Que todo o mal se esmigalhe, girando em ziguezague, sem santo pra lhe valer.**

**Que esse navio encalhe, que esse fogo se espalhe, como cinzas de um vulcão.  
Que todo esse leite coalhe, que na madeira se entalhe, segredos de uma paixão.  
Que todo movimento pare, e que ninguém mais repare, no cisco do seu irmão.  
Que todo o perfeito falhe, a empáfia achincalhe, com injúrias e maldição.**

**Que todo o inteiro quebre, que queime em ardente febre, em sete anos de azar.  
Que corra que nem uma lebre, o mal consigo carregue, pra nunca mais retornar.  
Que desista, se entregue, àquele que lhe persegue, é improfícuo lutar.  
Reconheça, nunca negue, seja frio com a neve, tudo um dia irá passar.**

**Que tudo que é bom germine, que padeça todo o crime, sem ar para respirar.  
Que a tocha do bem ilumine, sepulte tudo o que oprime, nas águas fundas do mar.  
Que todo ser abomine, o que a imperfeição exprime, nesse longo caminhar.  
Que o bem que a todos redime, perfeição eterna e sublime, seja nosso eterno lar.**

## **Desesperação.**

**Algo te leva a crer que tudo vai dar errado.  
Você se sentir vazio, uma hora faz calor, outra hora bate um frio...  
Como um velho cão de caça da matilha desgarrado.  
A esperar por alguém que toque fogo no pavio.**

**Examina em um espelho seu reflexo envelhecido.  
Nem liga mais para o sexo, você se sente cansado.  
Seria uma boa coisa se não tivesse nascido.  
Nem sabe mais o que quer, de tão desorientado.**

**Contemplando a si mesmo como uma aberração.  
Uma tatuagem mal feita, uma missão malfadada.  
Uma aorta entupida que impede a circulação.  
O fim justifica tudo pois tudo vai dar em nada.**

**Pois tudo vai dar no mesmo, e por isso nada importa.  
Deixando passar o tempo, sem aspiração ou desejo.  
Ansiando se tornar matéria inútil, inerte, morta.  
Após acesso o pavio, ser da luz da morte o lampejo.**

## **Pretérito.**

O que me aprazia tempos atrás.  
Hoje não me apraz.  
O que você dizia.  
Quando mentia.  
Um boa tarde, boa noite, bom dia.  
O esperar pelo que não vem.  
O lamentar pelo que não se tem.  
É tudo fútil, quase inútil.  
Gargalho de desdém.  
O que dizer sobre o que passou.  
O que não aproveitei.  
O pouco que sobrou.  
Bebi o caldo deletério do que julguei prazer.  
Como saber?  
O que me aprazia tempos atrás.  
Hoje não me apraz.  
Onde você estava.  
Com quem caminhava.  
Ansiava por mim?  
Cavei meu começo para enterrar teu fim.

## Ontem estrela, hoje carvão.

Os dentes apodrecidos que hoje me tiram o sono.  
Qual cão uivando e sofrendo em total e brutal abandono.  
Que no "Eos" de minha vida em alvura cintilavam.  
Eram rígidas peças de marfim que em profusão brilhavam.

Trinta e duas lindas estrelas vaidosamente agrupadas.  
Dispostas em harmonia em mais que perfeita arcada.  
Que se abriam em arco-íris, ostentadas em sorrisos.  
De molares, pré-molares, incisivos, caninos e sisos.

Sem uma nódoa sequer, sem traços de imperfeição.  
Mais belos que ornamentos de escultural compleição.  
Bêbado de tanto orgulho, não vi que o tempo passava.  
Que na rede do engano meu sono febril embalava.

Tolo, não soube cuidar, tratar tamanha pureza.  
Indigno de ostentar tão pura e nobre riqueza.  
Não percebi que o preço logo me seria cobrado.  
Por desdenhar loucamente do tesouro ofertado.

Portanto quando acordei, do sono da ilusão.  
O espelho da vaidade quebrou-se de supetão.  
Da fútil ostentação a um presente apodrecido.  
O que ontem foi estrela hoje é carvão enegrecido.

## **A dor.**

**Nem toda dor é santa.  
Ou acorda, ou acalanta.  
Sempre derruba o corpo.  
As vezes a alma levanta.  
Encharcada de mofo.  
Mas se a dor é tanta.  
Aí já não compensa.  
Pois quanto mais avança.  
Mais engorda a descrença.**

**Nem toda a dor avança.  
Por vezes ela estanca.  
Nem mesmo toda crença.  
Reserva recompensa.  
Mas se ela nunca passa.  
A dor que ultrapassa.  
A nossa resistência.  
É derrota que disfarça.  
Uma eterna penitência.**

## **Aquele mascarado.**

Pouco importa de onde vens, ou mesmo para onde vais.  
O tempo lhe roubará o fôlego, a morte é seu único cais.  
Pois aquele mascarado de vestes fúnebres te vigia.  
De alma gorda de tédio, nobre compleição esguia.  
Ele pode esperar por um instante somente.  
Pelo deslize cruel que lhe condenará eternamente.  
Ele pode dançar contigo nos salões iluminados.  
Ou lhe oferecer prazer em leitos acetinados.  
Mas te aguarda ansioso na próxima encruzilhada.  
Sentado, a remover poeira de sua capa enlutada.  
Pouco importam fantasias, se receias ou se anseias.  
É inútil se preocupar com aquilo que hoje semeias.  
O de ontem morto está, óvulo não fecundado.  
O amanhã florescerá nos braços do mascarado.  
Lutas, embates, contendias, nada disso importará.  
Ciúmes, ódio, incertezas, muito pouco restará.  
Pouco importa o que tens, acúmulo de vaidade.  
O tempo se arrasta mofino, cheio de sagacidade.  
E enquanto te embriagas, se sacias, preso à efêmera teia.  
Teu tempo se esvai no vento tal qual finíssima areia.  
Esse exímio enganador sem dor e sem compaixão.  
Costura tua mortalha em rico ou pobre caixão.  
Seu trabalho é esperar até uma vida inteira.  
Para enfim te transportar à morada derradeira.

## Escravidão.

Arrastados pela força de impiedosos ditames.  
Sem amparo, sem guarida, a não ser da esperança.  
A fugir inutilmente da bandeira dos infames.  
Na embriaguez que já não embala nossa dança.  
Já não sei se vale a pena tal reclame.  
Olhando para os lados, assustados feitos crianças.  
Sozinho estamos, ninguém mais escuta o conclame.  
Só resiste a miséria onde nunca houve pujança.

Escravizados pelos nobres brancos macacos.  
Fitando o céu carmesim invadido pela peste.  
Crianças morrem, lábios pálidos, olhos opacos.  
Anjos encardidos, sementes do vasto agreste.  
Mulheres e homens como eu tombam em cacos.  
Amofinados, cansados, mortos vivos, sempre inertes.  
Aprisionados, agrilhoados em miseráveis barracos.  
Dormimos pedindo, clamando que a morte nos liberte.

Submetidos eternamente a humilhante caridade.  
Que sempre nos rouba o tudo para migalhas devolver.  
E exige que o escravo se porte com humildade.  
Para que o ciclo se repita, em odioso proceder.  
Exigem que nos portemos com servil sobriedade.  
Pois nossa propriedade resume-se a sobreviver.  
Assim vão nos impingindo suas tolas veleidades.  
Até que a morte os carregue e no fogo os faça arder.

E quanto mais passa o tempo, mas perde força o lamento.  
Carcomidos pela traça de nossa própria desgraça.  
Quanto mais o tempo encurta, mais aumenta o sofrimento.  
O agourento pavor que a toda dor ultrapassa.  
O pestilento odor que mapeia o firmamento.  
O desprezível clamor que se perde qual fumaça.

Alguém finge escutar, nada além de fingimento.  
Em breve estarás sozinho, tu e tua dor, podre carcaça.

## Solilóquio de uma sombra.

Não sei bem quando, como e porque morri, mas sou morto de fato, um ser amorfo, feito carrapato, venci a vida para me perder na morte ou vice-versa, fiz a passagem, curta viagem. Perdi a consciência no marasmo da vida, para acordar no pesadelo da morte. Morri sem querer como quase tudo mundo, e descobri em um segundo que havia morrido sem você e que assim seria impossível viver.

E se a vida passa célere, na morte o tempo engatinha para trás, sozinho, sozinho, sozinho, quanta falta você faz. Hoje minha alma é como roupa encardida, esfarrapada, não tenho a quem enganar, só me resta esperar tal qual alma penada que batendo os dentes e roendo as unhas, sofre na escuridão encostada na lápide de seu sepulcro.

Eu procuro por teu amor de olhos fechados, de punhos serrados.

Oh, meu Deus, esqueci que não tenho mais punhos, dentes, unhas...

Na verdade, nada mais tenho, a não ser essa aparência etérea, essa fome de morrer.

Mas acho que ainda tenho um coração que sofre, um cérebro que pensa, mas não consegue entender, como farei para de novo ter você.

Com fome, sem nome, esqueci de todo o passado, vivo-morto abandonado.

Descobri que a morte não existe, e o que é pior, que a vida é eterna.

Mais o pior de tudo, o pior é saber que você está viva, que não morreu ainda, e que de mim já se esqueceu, já me enterrou em suas lembranças. Já retirou o quadro da parede e o jogou em uma mala cheia de antigas roupas que em breve serão doadas para alguma casa de caridade.

E apesar de saber que a morte não existe, eu morro todo santo dia, ou seria toda maldita noite, que nunca acaba, que se renova como ondas salgadas, enfadonhas, eternas. E lhe afagam, lhe afogam sem jamais lhe roubar a consciência.

Eterna, lá vem de novo essa palavra, essa sensação, essa coceira, esse desarranjo intestinal, esse crime que se repete, esse sangue que não para de jorrar, essa culpa, esse truque que disfarçado de mágica, me engana e por ele tenho que pagar, e pagar caro.

E me vem de novo sua lembrança, da saudade nem falo mais pois já faz parte do meu eu, impregna meus pensamentos, engorda cada vez mais esse sofrimento, como corda apertada no pescoço, como a nudez no meio da multidão, uma queda eterna, um frio que não passa, falta de ar, lâmina enferrujada encravada na alma.

Mas como o tolo de persiste na fé infundada, como o louco que encontrou a verdadeira razão, a razão por todos desconhecida, desprezada, e que por isso mesmo foi tratado como pária e abandonado para morrer no deserto, eu acredito no amor, esse amor que talvez nem exista, talvez seja somente fantasia, utopia, um sonho, uma quimera, delírio, desvario, uma esperança vã. Eu que sou lembrança do ontem, hoje não passo de nada, e serei nada amanhã, aceito minha pena, meu destino, essa tortura, essa infinita noite escura com a crença inabalável que um dia serás minha novamente.

## Ilha.

Aceito o destino de dores e prantos.  
Contudo não aceito fenecer.  
E agir igual a você.  
Que vive tramando nos cantos.  
Que anseia por vencer.  
Sem saber que sofre tanto.  
E está sempre a perder.

Prefiro passar ao largo.  
Quase nunca aparecer.  
Fujo dos falsos afagos.  
Evito me aborrecer.  
Gente assim me desagrada.  
Cheios de si, ocos de nada.  
Que buscam somente o ter.

Caminhando em desacordo.  
Com o que consideras normal.  
O que a ti parece malogro.  
A mim parece frugal.  
Vivendo em triste doença.  
Que defendes como crença.  
Nada mais paradoxal.

Por fim deixa-me só.  
Tua presença me atormenta  
Vai-te embora, tenha dó.  
Minha tristeza me alimenta.  
Sozinho em minha ilha.  
Cercado por armadilhas.  
Que a canalha afugenta.

## **Dor.**

Sinto agora tanta dor, que me tortura o viver.  
Pensei que fosse a dor que me fizesse escrever...  
Rogo, imploro para Deus, que faça essa dor parar.  
Mas o maior prazer de Deus agora é me torturar.  
Peço para Deus, clamo a Deus, chega desse sofrimento.  
Mas Ele em celeste sono não escuta meu lamento.

Sei bem não sou grande coisa com a qual deva se importar  
Sou um rude grosseirão, que só vive a reclamar.  
Garanto que não sou mal, mas padeço de humildade.  
Eu sou até bem melhor que parte da humanidade  
Meu coração já foi sincero, honesto, hostil e por vezes, carente.  
Por conta da dor que padece, é músculo vazio somente

Por causa de tanta dor resolvi vos procurar.  
Me perdoe a franqueza, não quero vos afrontar.  
Peço apenas o obséquio de infinita grandeza.  
Que vossa misericórdia perdoe minha fraqueza.  
Tira de mim essa dor que apodrece minha alma.  
Para que eu possa tornar à minha vida triste e calma.

## Um pontinho perdido na estrada.

No final são as coisas mais simples que me tocam o coração.

Um beijo molhado, um abraço suado, minha mão, tua mão.

Um espreguiçar indolente, um sorriso indecente.

O prazer conjurado, aos gritos ou cochichado, quase uma contravenção.

Teu colo que palpita e ferve, quase queimando em febre.

O deslizar pelas tuas curvas, mergulho vertiginoso, banho-me em tua seiva,

adentro em tua selva. Me perco no prazer, isso é que é viver.

No começo, parecia absurdo, quase cego, manco, magro e meio surdo, me sentia cansado, tonto e desprezado.

A solidão atroz, o gemido feroz, que só era de dor, na terra da solidão, em sua triste e fria imensidão, tudo havia, só não existia amor.

Eu vivia sozinho, perdido, sem carinho, sem sossego e sem apego, quão vazio era meu viver.

Era um homem brutalizado, empedernido, tinha o aspecto de um galho retorcido, era triste, dava pena de se ver.

Mas um dia, como que surgida do nada, um pontinho perdido na estrada, veio em minha direção caminhando, no começo eu nem dei muita importância, logo na minha pobre instância, e você se aproximando, chegando...

E chegou quase abruptamente, arando a terra seca, espalhando sementes, colhendo na hora certa, cultura farta em terra fértil, que antes julguei deserta, preparando teu ninho, me julgou, fez de mim condenado, prisioneiro, culpado, engaiolado feito passarinho. Em rica cela ornamentada de onírico gozo, celestial prazer. Nunca mais quero ser livre em solitária tristeza, para sempre cativo de tua pura realeza, Vivo a te exaltar, isso é que é viver.

No meio de tudo isso, de todas essas coisas que parecem simplórias, não luto por títulos imerecidos, por patentes, fama ou glórias.

Das agruras que antes me atormentavam, nada sobrou, das dúvidas que com frequência me visitavam, pouco restou.

A ciência tão evoluída para quem por ela pode pagar, ainda não descobriu a cura para esse meu mal, nada mais triste afinal. Mas, o pouco que me foi ofertado, que pode parecer pouco para um desavisado, mas, que para mim é um tesouro de infinito valor, esse achado por tantos desprezado, que matam para ter o muito, esquecendo os pequenos e mais importantes bocados, essa panaceia é o teu amor.

Que é para mim a entrada em uma outra dimensão, onde toda a dor jaz sepultada, e foi com aquele distante pontinho na estrada que eu finalmente encontrei minha salvação. Portanto, agora que esse reino está selado, seguro e protegido. Você aqui deitada ao meu lado, eu nem me lembro mais o que significa sofrer. E prestes a dormir contigo aconchegado, sorrio ao refletir, tranquilo e sossegado, vaidoso em consentir, isso é que é viver!

## **Homem, gado.**

**Amanheceu e dissiparam-se as trevas.  
Apareceu em seu lugar a fosca luz que cega.  
A multidão levantou-se e seguiu ainda atordoada.  
A rota da escravidão, rumo à emboscada.**

**Para o matadouro, vejam como é triste nosso destino.  
Entre jejuns, orações, sermões, toques de sino.  
Poças de lama, elegias profanas, salvação aguardada.  
A farsa da remissão, sonhos que acabarão em nada.**

**Anoiteceu, é hora de retornar para a prisão.  
Recolher-se à certeza de sua pobre condição.  
Na fria e úmida cova por seu dono ofertada.  
Um lar em forma de caixão, existência mal fadada.**

**Amanheceu e novamente a tropa se levantou.  
Em generalíssima desordem, de pronto se alinhou.  
A escutar com atenção em estado de torpor.  
As manifestações de ódio em todo o seu furor.**

**Anoiteceu e a vida perdeu de vez o sentido.  
Não fala com ninguém, não mais será ouvido.  
O sono é o abismo que desejas tanto.  
A morte é uma sereia de mavioso canto.**

**Amanheceu tão tarde que nem luz mais há.  
Lhe invade a vontade de com tudo acabar.  
Mas acabar com o quê? Com o que nasceu finado?  
Melhor será aceitar o destino de bom grado.**

**Anoiteceu e, portanto, é hora de se recolher.  
Quase não há mais pranto, vontade de viver.  
Sentindo-se quase máquina longe do bem ou mal.**

**Breve será desligada, amargo e triste final.**

## Quem nos dera...

Quem nos dera que o tempo retornasse.  
E de todos nós aflitos se apiedasse.  
E com carinho infindo nos contasse.  
Que a morte não existe, esse traste.  
E com toda doçura nos banhasse.  
E em suas águas de vida batizasse.  
Nos libertando de vez desse impasse.  
Nos levando para o sol que mais brilhasse.  
E de toda essa dúvida nos poupasse.  
E que a lei da bondade se aplicasse.  
E o fogo do ódio não mais queimasse.  
E que o vento do amor refrigerasse.  
E que a destra da criadora promulgasse.  
Sua voz de trovão reverberasse.  
E divinal melodia assobiasse.  
E que tudo que é bom desabrochasse.  
E que todo o que dorme acordasse.  
E para sempre ninguém mais duvidasse.  
Quem nos dera que o tempo retornasse...

## **Desejo.**

**Até parece que aquela prece.  
Que todos dizem que a alma aquece.  
Me aproximaria um pouco de você.  
Se eu soubesse que aquela chama.  
Que dizem, inflama o peito de quem ama.  
Me consumisse em vez de me aquecer.**

**Se eu sonhasse que aquela confissão.  
Que fiz a ti buscando compaixão.  
Não te despertaria para o meu amar.  
E ao contrário do que eu buscava.  
Com quanto mais ânsia eu te esperava.  
Mas rápido eu te via de mim se afastar.**

**Quanto mais cresce teu desprezo enorme.  
O amor que habita em mim e nunca dorme.  
Trama aos gritos um meio de lhe conquistar.  
E quanto mais teu coração resiste.  
Aumenta em mim o desejo que persiste.  
Serás cativa enfim do meu amar.**

## **Cadáver e fantasma.**

**Quem será ele, ele que tanto sofre.  
O que será dele, que padece de tanta dor.  
Por que ninguém seu sofrimento acolhe.  
O que ele fez para não merecer amor.**

**Dorme no frio, jogado ao relento.  
Entregue à sorte, carrasco asqueroso.  
Na sombra suja do esquecimento.  
Destino rude, cínico e impiedoso.**

**Tal qual cadáver que se decompõe.  
Em vida seco, morto e esquecido.  
Sua pobreza contra si depõe.  
E lhe condena por haver nascido.**

**Rude ornamento da miséria entalhado.  
Moeda de barganha em preces de caridade.  
Jaz junto com os seus na miséria entulhado.  
Espelho que reflete a podridão da humanidade.**

**Mas se há um Deus, e se esse Deus existe.  
E se não sente prazer em assistir.  
Tua derrota, essa existência triste.  
Fará um dia algo de bom por ti.**

**Quando voltares para uma outra existência.  
Já não serás cadáver desgraçado.  
Pois viverás em fútil opulência.  
Não se importando com os do outro lado.**

## Morto e Viva.

Do lado de lá para o lado de cá.  
Me mande notícias, estou a implorar.  
Saudades sem fim a me torturar.  
Do teu rosto lindo, mavioso falar.  
Ignoras que vivo, tristonho a chorar.  
Invoco o vento para me ajudar.  
Que parta daqui para o lado de lá.  
Sussurre em teus ouvidos, o meu suplicar.  
Sopre violento, se assim precisar.  
Para lhe acordar, e assim relatar.  
Que estou a sofrer, que vivo a clamar.  
Penso a todo instante para aí me mudar.  
Mas sei que não posso, nem ousar tentar.  
Sei que a eternidade não permitirá.  
Triste padecer, mais fundo que o mar.  
Infinito abismo a nos separar.  
Eterna loucura a me aprisionar.  
Eu vivo morrendo em te desejar.  
Tu morta vivendo a me ignorar.

## Suco biliar.

Sou suspeito para falar, mesmo assim vou dizer, nesses tempos trevosos, fúnebres, confusos e lamacentos, eu preciso, é imperioso para minha alma atormentada vomitar de suas entranhas o ódio que eu sinto por você. Mas esse ódio (bendito seja) não é um ódio qualquer tipo aquele ódio de torcedor que vê seu time roubado por um árbitro canalha. Esse ódio (maldito seja) é um ódio de quem tem fome, sede, anda sujo, suado, fedido, com dor de dente, miseravelmente despejado de sua própria identidade, sem ninguém, sem futuro, sem esperança.

Mas afinal que é você? Que culpa tem você, a não ser a culpa de ser diferente de mim, de estar em uma posição um pouco mais confortável, de não pensar, de não se importar comigo, de não querer me ajudar (talvez não possa) ou de não querer me entender (talvez nem deva), ora bolas, somos de espécies diferente? Sou por acaso uma aberração "freak", ou um ser de outro planeta? Para você que sou eu afinal, o que pensas tu a meu respeito, como tu me enxergas? Bem, em breve irei saber...

E nesse caminhar trôpego, sem destino de um maltrapilho letárgico e ao mesmo tempo célere, alucinado e encharcado pelo álcool barato e nicotina aditivada, nessa procissão de confusão, nesse cortejo que não sai do lugar, me encontro com meus pares que não consigo à princípio saber quem são, não consigo identificar nem mesmo pelas suas mortalhas, pelo seu fedor, grilhões tão parecidos com os meus.

Eu não sei mais o que é ter pressa, juro, não sei, não me interessa, não quero saber, correr para quê? No mais, o pouco que restou, e que me satisfaz, é observar aqui parado, sozinho, calado, a nuvem de poeira da estrada se dissipar lentamente, abandonada à própria sorte, sem ligar para aqueles, que apressados, correram para a abraçar a morte.

Espera, agora eu sei quem é você, quem na verdade você é, na sua vida de luxo, abraçado à ilusão que o conforto alimenta, na opulência transitória que a vaidade ostenta, agarrado nos tentáculos do que chama de fé, escondido atrás das pilastras do seu templo alvo e asséptico, é você que me odeia, tanto quanto eu lhe odeio, e nós sabemos o porquê desse ódio.

Eu te odeio pois você me roubou as oportunidades, você me odeia como garantia de preservar as tuas (que foram roubadas de mim), o meu ódio é santo, o teu é profano. Teu berço de ouro preservado em ancestralíssima herança de sangue e opressão foi forjado pelo suor e carniça das covas rasas daqueles que me antecederam na escravidão, daqueles que serviram aos teus em secular exploração.

## **Sem querer.**

**Um prato feito, um tiro "nos peito", um sonho desfeito.**

**Um rito perfeito, um grito aflito, um rosto bonito, um sorriso esquisito.**

**Um afago cansado, um rosto suado, um riso contido, um adeus apressado.**

**Um pobre esfarrapado, um rico aturdido, um besta embevecido, um sábio calado.**

**Um mundo que morre, quando ia amadurecer, uma lágrima que escorre, nascida para sofrer.**

**Por que o homem diz amar sem saber, mas prefere odiar, sem querer...**

## **Espelho.**

**Eu não gosto desse espelho.  
Que me mostra o que não quero.  
O que gosto ou admiro.  
Que não reflete o que espero.  
O que exulto, o que aspiro.  
Beleza nenhuma exprime.  
Que furta o que mais venero.  
O que mostra me oprime.  
Pragmático e sincero.**

**Eu não gosto desse espelho.  
Reluzente, refletivo.  
Que parece inteligente.  
Mas tão pouco criativo.  
Matéria bruta indolente.  
Que agrada tão somente.  
Ao tolo contemplativo.  
Expectador impassivo.  
Speculum indiferente.**

**Eu não gosto desse espelho.  
De aspecto desgastado.  
Que as vezes se apresenta.  
Alegre e dissimulado.  
Que nada a mim acrescenta.  
De ângulo tão limitado.  
Que a mentira representa.  
Tão soturna vestimenta.  
Manipulador malvado.**

## Nossa rede.

Nessa rede vou te amar.  
Desvairado a balançar.  
Quase sem nenhum pudor.  
Vou teu corpo explorar.  
Teus gemidos escutar.  
E o barulho do armador.

Nessa rede vou te amar.  
Minha sede vou matar.  
Te fazer de cobertor.  
Tuas carnes perscrutar.  
Esse doce farfalhar.  
E o barulho do armador.

Nessa rede vou te amar.  
Sem ao menos indagar.  
O que queres, o que eu dou.  
Nesse gozo viajar.  
Sem mesmo me importar.  
Com o barulho do armador.

Nessa rede vou te amar.  
Nesse êxtase pendular.  
Nas delícias desse amor.  
Prometo só vou parar.  
Se for para consertar.  
O barulho do armador.

## **Hemorragia.**

**Se eu não vomitar esse sangue.  
Esse lamacento manguê.  
Dentro de mim represado.  
Eu morro antes da hora.  
Sem ter a minha desforra.  
Bem antes do combinado.**

**Empanzinado pela sanha.  
Que encharca minhas entranhas.  
Esse dilúvio de mágoas.  
Que me afogam sem clemência.  
Me lavando a consciência.  
Multiplicando minhas chagas.**

**Por isso mesmo que eu conclamo.  
Nesse réquiem profano.  
Nesse mantra desgraçado.  
Toda sorte de terrores.  
Os mais pobres perdedores.  
A estarem do meu lado.**

**Se eu não vomitar eu morro.  
Ninguém vem ao meu socorro.  
Fazer parte desse horror.  
Nesse reino desigual.  
Jaz o bem, floresce o mal.  
Impera a eterna dor.**

## Baco Dionísio

Esse trago amargo.  
Com o qual me embriago.  
Não tira a poeira de uma vida inteira.  
Desse doce cântaro.  
Sorvi todo o encanto.  
Me fiz prisioneiro desde a vez primeira.

É o álcool esse demônio impoluto.  
Que me persegue e me acompanha por toda parte.  
E eu, espírito errante adulto.  
Tomei esse demônio como uma obra de arte.

Desde cedo perdi todo o medo.  
Achando o fugir da realidade.  
Hoje vivo em alegre degredo.  
Não sei se por minha ou por tua vontade.

Na aurora, na primeira hora.  
Busco tua sombra, teu doce recato.  
Na penumbra, tua presença abunda.  
Desfruto meu sono, para sempre grato.

Não carrego em nenhum momento.  
Arrependimento ou dúvida sequer.  
Nos teus braços encontrei alento.  
Sem nenhuma culpa, aflição qualquer.

## **Amargo âmago.**

**A verdade vou lhes dizer.  
Sempre me senti sozinho.  
Afogado em mim mesmo.  
Cravejado de espinhos.  
Sem nada para me valer.  
Desse existir mesquinho.  
Ninguém vem me socorrer.**

**Sinto alojada na boca do estômago.  
A dor pulsante disfarçada de prazer.  
Gases tóxicos me envenenam o âmago.  
Levam-me a tudo e a todos maldizer.**

**A mentira vou lhes contar.  
Afastei de mim todo o medo.  
A egoísta vontade de amar.  
Soterrado em segredos.  
Que não ouse confessar.  
Sou feliz nesse degredo.  
Que eu mesmo fui buscar.**

**Sinto encravada nas costas da minha alma.  
A lâmina enferrujada que tetaniza o meu ser.  
Tal qual Excalibur que para sempre jaz alojada.  
Na rocha sepulcral desse eterno padecer.**

## **Centúria.**

**O chamado do abismo não lhes deixa descansar.**

**A voz em suas cabeças lhes ordena. Vão matar!**

**Coloquem fogo nos campos, dispersem as multidões.**

**Deem vazão a todo o ódio que habita em seus corações.**

**Furem olhos, quebrem ossos, costelas, destruam sonhos.**

**Com suas botas, cacetetes, balas, coletes medonhos.**

**Comemorem com orgulho o cumprimento do dever.**

**Do mais odioso lema, que é servir e proteger.**

**Servindo a quem tudo pode, sem sentir ou questionar.**

**O desejo que em si explode, de ferir, de chacinar.**

**Que orgulho eles ostentam, que desculpa eles alegam?**

**Instrumentos da violência, que de bom grado carregam?**

**Só nos dobram pelo medo, não nos -inspiram respeito.**

**Esse estandarte infame, esse que lhes adorna o peito.**

**Sua história lhes faz jus, com seus incontáveis golpes.**

**Com suas pompas, cerimônias, em seus corceis a galope.**

**Vergonha, ignomínia, quantos crimes a reparar.**

**Se a história fosse justa, os poria em seu lugar.**

**Assassínios, extermínios, roubos, propinas, entreguismo.**

**Fardas manchadas com a lama do mais falso moralismo.**

## **Súcubo.**

**Suga-me o sangue.  
Afoga-me no mangue.  
Me enterre no jardim.  
Rasga-me a roupa.  
Beba-me a poupa.  
Deitada sobre mim.**

**Marca-me o peito.  
Encharca o meu leito.  
Sem pena, sem dó.  
Benza com dentadas.  
Minha carne untada.  
Com o teu suor.**

**Ama-me aos poucos.  
Com teus gritos roucos.  
De devassidão.  
Sela-me a sorte.  
Com silvos bem fortes.  
Tal qual furacão.**

**Traia-me com desdém.  
Se entregando a quem.  
O capricho mandar.  
Como vil ladina.  
É minha triste sina.  
Sempre perdoar.**

**Pois de ti dependo.  
E sobrevivendo.  
Somente sossego.  
Com tua visita.  
Feito parasita.**

**Vício que carrego.**

## **Esse sonho.**

**Essa distância que separa o meu do teu.  
Essa imagem que eu mesmo nunca vi.  
Esse momento que jamais aconteceu.  
É tudo inútil pois ainda não te conheci.**

**Esse perfume que vive a inebriar.  
Meu coração embriagado de fantasias.  
É tudo fútil pois nunca irei fitar.  
Esses teus olhos, mais vivos que a luz do dia.**

**Esse teu corpo que sonho em explorar.  
Fazer meu templo de mil depravações.  
É como o céu que nunca irei alcançar.  
Fazer refúgio de minhas tolas ilusões.**

**Esse teu mundo tão distante do meu mundo.  
Que meus olhos mal conseguem alcançar.  
Tão distante desse abismo profundo.  
Que eu não poderei jamais abandonar.**

**Esse sonho que vivo a sonhar contigo.  
Meu abrigo na amargura constante.  
Armadura, quimera, ilusão, castigo.  
Jaz vencido, cada dia mais distante.**

## Sacrifício necessário.

São essas pequenas coisas.  
Essas pequenas, mas preciosas alegrias.  
O sol orvalhando luz.  
A natureza que descansa despreziosa.  
A chuva, lágrimas dos deuses.  
Erupções de risos infantis.  
O olhar já opaco de meu velho pai.  
A sabedoria do silêncio.  
O cigarro aceso entre os dedos de minha mãe.  
Tua cólera levemente inflamada.  
O corpo desnudo e suado.  
O gozo violento e entorpecedor.  
O esperar por ti.  
A distância das pessoas.  
A música, gozo também.  
O álcool, bela máscara de cera.  
Os animais, com os quais não aprendemos.  
Revoada de pássaros.  
Um cão que lhe agrada.  
Um gato que lhe explora.  
São essas pequenas coisas.  
Que ainda fazem valer a pena.  
O sufocante exercício de viver.

## **Fuja enquanto é tempo.**

**O homem, animal primitivo.**

**O homem, verme instintivo.**

**Não preenche a si mesmo, ínfimo que é.**

**Fome insaciável disfarçada de fé.**

**Como pode o homem se tornar melhor.**

**Se carrega no íntimo o que há de pior.**

**Como deve então o homem proceder.**

**Nunca foi lhe dada a chance de escolher.**

**Levantar da cama, subir uma escada.**

**Cruzar um oceano inteiro a braçadas.**

**Esperar a sua vez na fila da sorte.**

**Tal qual navegante que perdeu o norte.**

**É tão inútil quanto tentar escapar da teia.**

**Desprezar quem lhe ama, amar quem lhe odeia.**

**É tão fútil quanto acumular talentos.**

**Domar um furacão, escravizar seus ventos.**

**Já que o universo não passa de um reverso.**

**E toda dor não cabe em um verso.**

**Arruma tuas coisas, e parte em debandada.**

**Pois nada vale a pena, tudo termina em nada.**

## À deriva.

Em poças de sangue escorrego.  
Teu nome em delírio entrego.  
Pouco antes de morrer.  
Goteja em meu olho cego.  
Essa culpa que renego.  
Buscando em vão te esquecer.

Ferida de ponta de prego.  
Esse ódio que carrego.  
Por não possuir você.  
E todo meu tempo emprego.  
E juro que só sossego.  
Quando voltar a lhe ter.

Sou louco por ti não nego.  
E o meu inflamado ego.  
Está prestes a enlouquecer.  
Hoje nada mais enxergo.  
A nada mais me apego.  
Nesse meu triste viver.

## Aquela mulher.

Ele não tinha certeza, não tinha certeza se a primeira impressão que tivera daquela mulher teria sido realmente de uma brutal antipatia. Não tinha certeza, mas havia algo muito estranho naquela impressão que se tornara com o tempo um pensamento obsessivo que ele precisaria tirar a limpo, precisaria averiguar, ter a certeza portanto.

Aquele olhar, aquela mulher, tudo isso inexplicavelmente havia invadido sua mente com um desconforto que ele poucas vezes sentira, e logo ele, logo ele que a bem pouco pensara estar vivendo em um oásis que duramente e durante muito tempo havia projetado no meio do árido deserto que era seu pobre ser.

E por que, por que aquela impressão tanto o incomodava, por que diabos, aquele simples olhar, aquele rosto que poderia ser o rosto de qualquer uma, aquele furtivo sorriso que havia lhe feito acordar de um pesadelo e ser lançado em um sonho impossível, uma quimera fantástica, um devaneio absurdo que por si só prometia implodir toda a realidade tediosa que ele aspirava por pura obrigação tanto o importunava, por quê?

Ele resolveu que algo deveria ser feito para não enlouquecer, ele resolveu que precisava saber, por que aquela brutal antipatia que ele à princípio achara que sentia, havia se tornado com o passar de um breve tempo um sentimento que ele a muito havia enterrado no cômodo mais escuro de seu velho coração encouraçado, e ele não mais se permitiria negar, não mais procuraria se esconder, seria covardia demais lhe negar a última-presumível- chance de amar novamente.

Amar, vocês não podem imaginar o quanto a simples menção dessa fatídica palavra, a simples menção desse simples verbo transitivo direto, a simples lembrança desse fardo, dessa obrigação, dessa ilusão, desse claustro, dessa doença, desse tropeço e queda, dessa fuga da razão, desse mar escuro e lodoso; vocês jamais poderão imaginar o quanto essa sentença de morte o torturava.

Mas, torturava-o muito mais aquele olhar, daquela mulher, já ideia fixa, já necessidade, já boca seca, coração acelerado, mão trêmulas, suor brotando descontroladamente pelos poros, desejo de conjunção carnal, de promessas de felicidade, já entrega total e absoluta, já espera pela chegada, saudade pelos breves momentos de separação, comunhão de almas, já ciúmes, já risadas, passeios e finais de semana compartilhados, acordando tarde, se espreguiçando, se amando sem se importarem com os hálitos de cebola cortada, já planos sendo feitos, já tudo isso e tudo o mais que ele não conseguia imaginar. Jaz, jaz, quanta ilusão...

Quanta ilusão, tanta que não caberia dentro da alma de todos os sonhadores do mundo, tanta que seria impossível domá-la e escravizá-la para que não fugisse, para que se tornasse um mundo para sempre apartado da cruel realidade que governa a tudo e a todos com tirânica, diabólica (ou seria divina?) mão ditatorial e sádica, quanta ilusão...

Ilusão, pois ele realmente nunca teria coragem de procurar aquela mulher, de confrontar aquele olhar, de perguntar seu nome, de começar uma conversa desprezível e dar voltas e mais voltas para gaguejar um simples monossílabo, de convidá-la para sair, de olhá-la fixamente nos olhos e balbuciar: - Amo você! ele realmente não era um homem de coragem, não possuía esse atributo, essa qualidade que na sua visão só se materializava nos heróis que a ficção vendia a módicos preços de droga barata. Ele e sua pálida personalidade

**preferiam sofrer com o rosto mergulhado no "talvez", sem nunca correr o risco de levantar a cabeça e respirar o "quem sabe". Ele, aquele homenzinho orgulhoso de suas mentiras, jamais, jamais sairia de sua zona de conforto, jamais emprestaria a si mesmo a micharia de ser feliz, a oportunidade de amar outra vez, e resolveu de uma vez por todas, a despeito de todo o seu desejo reprimido, de toda a sua dor que continuaria represada (água suja, morta, insalubre), não esquecer de todo aquela mulher, aquele olhar, mas, voltar a nutrir por ela somente uma brutal antipatia.**

## Margarida.

No princípio, mas bem no princípio mesmo era doce Margarida, dava gosto de provar, era doce favo de mel, era doce de nunca se fartar, era doce de banana, doce de abacaxi, de uva, ameixa, maçã, cereja, damasco, pitanga, pêssego, jambo, morango, amora, maracujá, brigadeiro, quindim, doce de coco, cana de açúcar, era doce para escravizar reis e enlouquecer plebeus, era doce Margarida, doce de lambar os beiços, de fazer sonhar acordado, de ter delírios e desejos nunca antes desejados, Margarida era o doce leite produzido pelas tetas de deus, doce que não estragava, sonho doce sonho, tão doce que até os anjos insípidos, assexuados e obtusos desejavam Margarida. Era Margarida todos os doces, e um festival de doces delícias que embriagavam sem alcoolizar, que embebedavam sem entontecer, que estonteciam sem atordoar, era doce e minha, tão somente minha a doce Margarida, perfeito néctar que me alimentava e me prometia a eternidade de delícias, doces delícias que homem nenhum jamais havia pensado existir.

E então, penso que do nada, engano-me pensando ter vindo do nada, tortura-me essa ideia de que do nada venha alguma coisa, ou todas as coisas, ou todos os infortúnios, ou as menores tragédias, ou os piores dissabores, desastres, terremotos, vulcões em erupção, tempestades colossais, mortes súbitas e doenças incuráveis, do nada Margarida tornou-se salgada. Não que essa mudança fosse de todo má, é que em sua grande maioria, para não dizer em sua absoluta maioria, os homens nunca estão preparados para mudanças, sejam elas graduais ou bruscas, e para um espírito preguiçoso como assim me considero, e quem me conhece pode atestar, mudanças são sempre dolorosas, mudanças são sempre melhor assimiladas por espíritos tenazes, aqueles para os quais os desafios são sempre bem vindos, diria até desejados.

Margarida era agora salgada, fez-se salgada, salgada era Margarida, e em pouco tempo pareceu que sempre tinha sido, assim havia sido criada, assim havia nascido, sempre foi essa a sua constituição, esperem, antes eu me enganei pois achava que Margarida era doce (um doce, vários doces ou todos os doces conjugados), mas hoje é salgada ( todos os salgados reunidos) que reunia em sua essência todo os gostos salgados já catalogados, descobertos, apreciados, experimentados, que se tornaram a razão do meu viver. Margarida era agora (como sempre fora) o sal da minha terra. E todos os salgados estavam contidos em Margarida que por sua vez continha todos os salgados, coxinhas, risoles, empadas, quibes, enroladinhos, pães de queijo, pasteis, pipocas, esfirras, rocamboles (salgados é claro), brinholas, acarajés, farafeis, croquetes, carne assada, sopas suculentas quentes e gordurosas e todos os outros que não consigo agora lembrar.

Não mais consigo lembrar, foi-se o tempo que Margarida era tudo isso, toda doce ou inteiramente salgada. Não reconheço mais Margarida, não saberia dizer agora que gosto ela tem, qual o sabor de Margarida. Quem roubou de mim a doçura e o tempero que me enfeitavam. O doce que me corrompia, o sal que me santificava.

Fui tolo em crer que era o único que a saborearia, em crer que ninguém mais a desejaria, fui imprudente, invigilante, negligente, e antes que tivesse tempo de reagir as investidas dos invejosos que cercavam Margarida com seus vorazes apetites e impuros desejos de possuí-la, de devorá-la, roubá-la de mim, eu que por pura vaidade exibia Margarida nos festins, banquetes desprezíveis

-que supunha eu- só os pobres mortais de gosto duvidoso e sem requinte de paladar frequentavam e julgava que ninguém estava à altura de possuir minha sagrada iguaria, de fazerem jus ao meu maná, perdi-a, da hipogeusia para a algesia, foi um salto, uma queda vertiginosa e minha absoluta ruína.

Não é de minha natureza dividir o que amo, o que amo me pertence e a ninguém mais, o direito de um homem termina onde começa o de outro, não é isso o quem dizem esses mesmos que perfidamente hoje se deliciam com o que há de mais puro, de mais sublime, eu poderia até dizer de divino, mas, apartado de Deus, de mal com sua preguiçosa onipresença, onisciência e onipotência, que deixou roubarem de mim minha inesquecível Margarida. Talvez Ele mesmo, me invejasse também, talvez Ele desejasse Margarida, logo Ele, eunuco decrépito e ainda mais sem paladar, chefe de um exército de anjos ociosos que sem pudor algum foram cúmplices de tão odioso plano, de tão vil intento, me roubar Margarida.

Acho que nem sei mais o que falo, nem sei mais o que penso, nem sei mais onde Margarida está, por onde anda, com quem divide seus sabores, se pensa em mim (ectomorfo, raquítico, desnutrido, famélico, esfaimado, faminto), só sei que jamais poderei esquecê-la, que a fome é hoje minha única companheira, uma fome que ninguém jamais teve, nunca terá, tendo uma vez conhecido e perdido Margarida.

## **A caçada.**

**Ela em fuga debandava/ Ele mais lhe perseguia/ Ela cansada esgotada/fugindo da lâmina fria/sua sorte quase selada/inclemente lhe seguia/a figura desprezada/sua morte anuncia/Ela para, derrotada/finalmente desistia/dando a última cartada/implorando anistia/mas a alma desgraçada/os rogos dela não ouvia/Ela então já conformada/uma graça de Deus pedia/que se Ela fosse poupada/desde já lhe prometia/uma vida dedicada/nunca mais se entregaria/a uma paixão não pensada/foi um erro ela sabia/ e Deus que a tudo observava/ de bom humor nesse dia/ seus apelos escutava/logo providenciaria/a ajuda tão desejada/uma vida seria poupada/a justiça se faria/e aquela alma malvada/que a jovem perseguia/tombou seca fulminada/mal a ninguém mais faria/e jaz podre e desprezada/em uma sepultura fria.**

## Domingo e segunda.

A maior dúvida que carrego e não distingo.  
Que me tortura, enfim, desde a vez primeira.  
Serão mais tristes as cinzas tardes de domingo,  
Ou as terríveis manhãs de segunda-feira?

Chego na sexta sempre cheio de esperança.  
Fazendo planos como se para uma vida inteira.  
Mas no final, já choro feito criança.  
Da qual lhe foi tirada a gorda mamadeira.

Sábado chega e com ele a sede louca.  
Com as promessas que eu tolo acredito.  
Sorriso largo que me escancara a boca.  
Mas que aos poucos vai se transformando em grito.

Mas esse brado não é de contentamento.  
É a angústia chegando para avisar.  
Se apossando sorrindo do meu lamento.  
Mais um domingo que em breve chegará.

É na segunda, essa vadia desgraçada.  
Que eu acordo odiando recomeçar.  
Nova semana na qual passo lamentando.  
Pelo domingo que espero não mais voltar.

## **Eu, você e “eles”.**

**Eles virão, certamente virão.  
Destruir o meu jardim.  
Arrasar tua plantação.  
Prenunciar nosso fim.  
Espalhar a confusão.  
Em nababesco festim.  
Arrancar tua confissão.  
Não importa se eu acho que sim.  
Ou se você pensa que não.**

**Eles virão, fatalmente virão.  
Espalhar a noite sem fim.  
Acabar com a ilusão.  
Roubando você de mim.  
Por obra da traição.  
Nos separando por fim.  
Nos lançando em perdição.  
Com tudo que há de ruim.  
Mentiras eles plantarão.**

**Eles virão, inevitavelmente virão.  
Com o torpe e ignóbil fim.  
De destruir nossa paixão.  
Em trajes de cor carmesim.  
Com sangue em ambas as mãos.  
Com alma cor de marfim.  
Ardente em rubro carvão.  
Separar você de mim.  
Imolar meu coração.**

## **A teu lado.**

**Teu corpo suado  
Repousa a meu lado.  
Tão lindo e cansado.  
Quente e dedicado.  
À pouco visitado.  
Tão bem explorado.  
Em amor ousado.  
Em santo pecado.  
Já dorme -----maculado.  
Em sono delicado.  
De sonho encantado.  
Em leite aveludado.  
Com gozos misturados.  
Amor extravasado.  
E eu, afortunado.  
Sonhando acordado.  
No reino conquistado.  
Paraíso alcançado**

## **Fardo desejado.**

**Para me livrar da dor atroz que me consumia.  
Depois da luta de uma noite inteira insone.  
Sai para rua naquela hora ainda vazia.  
Esgotado louco a correr e a gritar teu nome.**

**Tombei febril rezando trêmulo aos teus pés.  
E tudo que podia era franzir o cenho.  
Já derrotado por tão humilhante revés.  
Com a certeza que hoje nada mais tenho.**

**Preso agrilhado em delírio fantástico.  
De férrea vontade, que sádica me prendia.  
E mesmo sofrendo permaneci estático.  
Sempre mercê de tua doce vilania.**

**Esse desejo que a minha débil mente invade.  
Que em febre arde alimentando essa crença.  
De ser teu escravo mesmo contra a tua vontade.  
Seguindo-te os passos te carregando qual doença.**

## **Já não bebo mais cachaça com água de coco.**

**Eu sou aquele cara que morreu há pouco.  
Depois daquele papoco, que me fez perder o reboco.  
Perdi muito, por tão pouco...  
Gritei até ficar rouco, pensei até ficar broco.  
Não sou destro, nem canhoto.  
Não sou velho nem garoto.  
Nem paguei já peço o troco.  
Emergi daquele esgoto.  
Para depois mergulhar em outro.  
Só sei que escrevo para não ficar mais louco.**

## Obituário.

Sem despedidas Apolinário partiu cedo.  
Qual passarinho libertado do degredo.  
Foi-se com pressa a nobre e gentil Beatriz.  
Com a certeza de finalmente ser feliz.  
Da mesma forma que se desprende Letícia.  
Célere, desapegada, assim debandou Patrícia.  
Partiram em busca da uma tão sonhada paz.  
E me pergunto se não nos veremos mais.  
Tomo um trago em honra a -----Joaquim.  
Vá com a certeza de que não existe fim.  
Bebo mais outro com saudade de Hortência.  
Iluminada em sua curta existência.  
A todos eles que passaram e passarão.  
Vivem guardados dentro do meu coração.  
Na esperança de que isso tudo acabará.  
Quem sabe um dia possamos nos reencontrar...

## **Alma profana.**

**Aproveite a estadia, nesse cárcere escuro e frio.  
Cômodo lúgubre e vazio, seja noite ou seja dia.  
Onde a única regalia, é sofrer em desvario.  
Já lhe abandonou o brio, só lhe resta a agonia.**

**E a dor que se apresenta, lhe matou a alegria.  
A mais cruel tirania, da razão lhe afugenta.  
Em sua alma se assenta, estranha melancolia.  
A mais brutal covardia, que tudo o que é mal fomenta.**

**A miséria se derrama, nesse inferno desgraçado.  
Vem aqui, senta ao meu lado, junta a tua dor insana.  
Com a dor que de mim emana, me ajude com esse fardo.  
Pois só me sinto sossegado, junto a tua alma profana.**

## **Foi-se o tempo.**

**Em um segundo, você não mudará o mundo.  
Nem num minuto, se tornará mais adulto.  
Em uma hora, vai querer ter ido embora.  
Em agonia, passa esse longo e triste dia.  
E só reclama, como é longa essa semana.  
Contrariado, pois não chega o feriado.  
Bem pouco amena, foi essa amarga quinzena.  
De uma vez, sente que acabou o mês...  
É por essas e por outras que já nada mais espera.  
Deixa-se arrastar sem mais contar as horas, os dias, as datas...  
Não importa mais quanto tempo faz, deixa-o apenas passar por cima de si.  
Saudosos de quando contava as horas para ver quem um dia tanto amou.**

## De repente.

O sol que me açoitava.  
Se tornara menos quente.  
O sentido que me guiava.  
Não estava mais presente.  
O hino que eu cantava.  
Esqueci completamente.  
O que você me jurava.  
Se apagou de minha mente.  
Tudo em que eu acreditava.  
Se tornou incoerente.  
Quando menos eu esperava.  
Me tornei tão negligente.  
E descobri que morava.  
Em um buraco de serpente.  
Então tudo o que amava.  
Apodreceu lentamente.  
Por nada mais aspirava.  
Me perdi completamente.

## Carcaça

Eis que tudo já morre dentro de mim.  
Nada me socorre a não ser o nada vindouro.  
As bestas estão sedentas por meu néctar carmim.  
Então à peso de ouro sou vendido ao matadouro.  
Em breve serei pasto de vil nefasto festim.  
Minha alma esfarrapada, tão desejado tesouro.  
Com as vestes ensopadas de hemorragia sem fim.  
Em febre descontrolada, em sonhos de mau agouro.  
Hoje tudo o que me resta do que ontem foi jardim.  
É terra seca, assolada pelo luto duradouro.

## **Consumindo-se.**

**Eu preciso?**

**Tu me vendes.**

**Eu me vendo!**

**Tu me compras.**

**Eu me vendo?**

**É preciso!**

**Eu te compro.**

**Está vendido.**

**Quanto custa?**

**Tudo isso?**

**Eu preciso!**

**Estou fodido!**

## **Nobre Defunto.**

**Sabem quem vem para o jantar?**

**O defunto que não tarda a chegar.**

**Amortalhado em fina seda bordada.**

**Em esquife de madeira trabalhada.**

**Venham logo todos para reconhecer.**

**Aquele que nos roubou a vida inteira.**

**Pois o canalha não tarda a apodrecer.**

**Em sua cela florida de madeira.**

**Queimem incensos, celebrem, tragam velas.**

**Jubilosos de imensa alegria.**

**Ganhem as ruas fugindo das favelas.**

**Comemorem bebendo o grande dia.**

**Sem saber ao certo quem é o finado.**

**Ou qual pomposo título ostentou.**

**Se foi juiz, senador ou deputado.**

**Que felizmente só a morte não burlou.**

**Sabem quem vem para o jantar?**

**Oh, tão nobre e poderoso convidado.**

**E como agora não pode mais se exaltar.**

**Será finalmente pelos vermes devorado.**

## **Pe. Júlio Lancellotti.**

**Quantos dependem de você.**

**Doce e gigantesco ser.**

**Nunca falta o que fazer.**

**E eu nem sei compreender.**

**Pois servir é seu viver.**

**Os doentes socorrer.**

**Os carentes acolher.**

**Seus braços de luz estender.**

**No mais nobre proceder.**

**Pe. Júlio Lancellotti.**

**Avis Rara de se ver.**

## **Amarga paixão.**

**Na condição da nossa relação.  
Na confusão dessa divagação.  
Na absoluta falta de razão.  
Na profusão de toda a podridão.  
Meu coração achou teu coração.  
Fiz do teu nome minha oração.  
Na dimensão da tua ingratidão.  
Sorvi o fel amargo da paixão.  
Colhi os frutos da decepção  
Cheguei enfim a triste conclusão.  
Felicidade mesmo é a solidão.**

## **Pobre diabo.**

O diabo não canta.  
E o que mais me espanta.  
Não sabe dançar.  
As vezes se inflama.  
Rolando na cama.  
Triste a lamentar.  
O diabo tem medo.  
Cheio de segredos.  
Tem medo de amar.  
De tudo reclama.  
E nem mais me engana.  
Com o seu falso olhar.  
O diabo é triste.  
Mas de dedo em riste.  
Sem pena nem dó.  
A tudo resiste.  
Sem saber se existe.  
Ou já virou pó.

## Oclusão.

**Vai trabalhar vil vagabundo.**

**Verme fascista.**

**Cancro imundo.**

**Vai trabalhar cão desgraçado.**

**Pulha nazista.**

**Alucinado.**

**Pensando bem...**

**Já que o teu ofício é perseguir quem trabalha.**

**Nunca ajuda, sempre atrapalha.**

**Sendo o que és, inútil canalha.**

**Obstruído, porém bem tratado.**

**Às nossas custas, imundo fardo.**

**Ficas aí para sempre deitado.**

## Solerte.

Inflama...

Teu ego lhe engana.

Chafurda na lama.

Daí vem tua fama.

Apagada chama.

Sossega...

Teu jeito não nega.

Não faz o que prega.

Ao mal se entrega.

Com vontade cega.

Dilema...

Tua mente pequena.

Que julga e condena.

Confunde e aliena.

Digno de pena.

Incauto...

Do teu salto alto.

Tua queda no asfalto

Já se deu de fato.

Verme putrefato.

## Dilema.

Devolva de uma vez por todas tudo o que de mim levou.  
E vem buscar de uma vez, aquilo que aqui deixou.  
Me diga de uma vez o que tens para me falar.  
E parta de uma vez por todas, para nunca mais voltar.

Mas antes de ir embora deixa algo para mim.  
O gosto do teu tempero, o teu cheiro de jasmim.  
Teu pouco para mim é tudo, e o pouco que ficar.  
Já será suficiente para quem nunca soube amar.

A culpa sempre foi minha, o erro sempre foi meu.  
Por não saber bem cuidar de tudo que você me deu.  
Vem logo de uma vez, levar tudo o que deixou.  
O bem que você me fez, o mal que de mim restou.

Foi sua culpa também, ter me dado tanto amor.  
Eu que nunca fui ninguém, eu que hoje nada sou.  
Então volta, outra vez, para nunca mais me deixar.  
Para de uma vez por todas, para sempre aqui ficar.

## Sopa de letrinhas.

Começo com versos.

Contexto complexo.

Conluio sem nexos.

Converso, disperso.

Confesso, contesto.

Corro desconexo.

Com fome de sexo.

Coxo ou paraplégico.

Com olhar perplexo.

Confuso, disléxico.

Comungo apoplético.

Contudo, protesto.

Contra o que detesto.

Concluo indigesto.

Cansado, funesto.

Côncavo e convexo.

## Mulher.

Menina, mãe, senhora companheira.  
De uma existência inteira.  
Irmã, amante, nobre, bruxa, santa.  
Que minha alma encanta.  
Esposa, filha, cúmplice, amiga.  
Que minha razão intriga.  
Estrela, luz, chuva, campo florido.  
Espaço colorido.  
Inspiração, desejo, doce oração.  
És profissão de fé.  
Que toca forte em meu coração.  
A mais linda canção.  
Com nome de mulher.

## Aos homens que não amam as mulheres.

Sempre e sempre injustiçada.  
Perseguida e humilhada.  
Se és símbolo da criação...  
Por que vir da costela do tal Adão?

Sempre e sempre rechaçada.  
Ofendida e destrutada.  
Desconhecem teu coração.  
Fazendo-te cúmplice da tentação.

Sempre e sempre abusada.  
De prostituta tachada.  
E os adúlteros onde estão...  
Se gabam de dar-te o pão!

Sempre e sempre explorada.  
Ao casamento escravizada.  
A uma simples certidão...  
Para provar sua retidão.

Sempre e sempre tão cobrada.  
A um podre lar devotada.  
Forçada por convenção.  
A uma triste escravidão.

Sempre e sempre enganada.  
Traída e abandonada  
Como acreditar então.  
Em quem lhe jurou proteção?

Sempre e sempre apedrejada.  
Nem no final santificada...  
Somente na morte então.

Se liberta da prisão?

## Nos teus campos (01)

Viciantes, vicejantes, inebriantes.  
Campos que arfam em peito pulsante.  
Cintilantes, fulgurantes, verdejantes.  
Campos estes que visito hesitante.

Tão brilhantes, de um brilho incessante.  
Campos de luz puríssima, íris de diamante.  
Que me lançam desafios ultrajantes.  
Persistentes. comoventes, dissonantes.

Nos teus campos sou um simples viajante.  
Em jornada de humilde retirante.  
Que tateia, que rasteja ofegante.  
Em delírio de ilegítimo infante.

Feito vítima de teu amar inconstante.  
Sigo em frente, compassivo, arrogante.  
Prepotente, possessivo, inclemente.  
Paciente, insistente, triunfante.

## Nos teus campos (02)

Lascivo, agressivo, trapaceiro.  
Tramo tomar teus campos por inteiro.  
Com um amor que acredito derradeiro.  
Conquistar o descanso verdadeiro.

Pouco importa se fui ou não o primeiro.  
Muito menos se parece passageiro.  
Esse amor, sofrimento corriqueiro.  
Essa dor, sentimento rotineiro.

Intempestivo, incisivo, arruaceiro.  
Há bem pouco me sentia forasteiro.  
Mas aos poucos, de mansinho, sorrateiro.  
Fiz-me de ti diletíssimo posseiro.

O que importa, não sou mais aventureiro.  
Dos teus campos sou legítimo herdeiro.  
Desse amor, laço de passarinho.  
Dessa dor, da qual me faço prisioneiro.

## Em tuas entranhas.

Sopra aqui em meu ouvido.  
Teu desejo inconfessável.  
Aquele mais reprimido.  
Impuro, vivo, insaciável.

Cada canto que descubro.  
Cada parte que tateio.  
Busco em teu rosto rubro.  
Todo o prazer que anseio.

Dos teus poros eu recebo.  
Minha absolvição.  
Desse cálice em que bebo.  
Teus fluidos, minha salvação.

Em silêncio sofres teu gozo.  
A mais prazerosa tortura.  
Em êxtase quase doloroso.  
Instante que para sempre dura.

Nessa luta a qual me entrego.  
E espero ser derrotado.  
Pelo maior desejo que carrego.  
Viver para sempre ao teu lado.

Abres enfim para mim teu céu.  
Arrebatado, entoo hosanas.  
Amortalhado pelo teu véu.  
Sepultado em tuas entranhas.

## Nada faz sentido.

Um canto rouco e esbaforido.  
O escrito que nunca foi lido.  
Um grito débil ou um vagido.  
Um céu cinzento ou colorido.  
Um assobio, um estampido.

Para mim tudo é parecido.  
Por isso nada faz sentido.

O que é torto e corrompido.  
O que é louco e combalido.  
O que é tosco e distorcido.  
Inebriado, envaidecido.  
Esfarrapado e ressentido.

Para mim tudo é parecido.  
Por isso nada faz sentido.

Santo de barro, anjo caído.  
Um sonhador, -----um distraído.  
Louca paixão, amor traído.  
Abandonado ou socorrido.  
Em tenra idade, envelhecido.

Para mim tudo é parecido.  
Por isso nada faz sentido.

Excomungado, absolvido.  
Idolatrado ou esquecido.  
Nem deveria ter nascido.  
Já poderia ter morrido.  
Pura ilusão, tempo perdido.

Para mim tudo é parecido.  
Por isso nada faz sentido.

## Descoberta.

Eu descobri no amor o que não é amor.  
Onde busquei a paz, só encontrei a dor.  
E revelei para ti todos os meus segredos.  
E abracei enfim os meus maiores medos.  
Pois enfrentei assim todos os meus temores.  
Na ânsia de matar todos os dissabores.  
Esse constante sofrer. Esse eterno buscar.  
E descobri por fim que eu não sei amar

## Um minuto apenas.

Brilho do sol nos teus olhos.  
Gosto de fruta em teus lábios.  
Cheiro de chuva no teu suor.  
Verbo divino em teus suspiros.  
Salvação em tuas mãos.  
Paraíso em teus desejos.  
Faz de mim tua vontade.  
Me perceba.  
Por um minuto apenas.  
Renego todo o paraíso.  
Ansiando pelo inferno.  
De ter você.  
Por um minuto apenas.  
Dorme junto ao meu crepúsculo.  
Para quando despertar.  
Voltar a me amar.  
Nem que seja...  
Por um minuto apenas.

## O odor da dor.

Não fale de tua dor para ninguém.  
É inútil.  
Quase fútil.  
Não convém.  
Fazer alguém.  
Examinar onde lhe dói.  
Vão tratar com desdém.  
Aquilo que lhe corrói.  
Enfrenta de bom grado tua procela.  
Sofra resignado e com cautela.  
Não importa para ninguém a tua queda.  
Todos sabem o valor dessa moeda.  
Na verdade, até desagrada.  
Irrita, entedia, enfada.  
Desculpas do anjo caído.  
Amor não correspondido.  
Súplica rechaçada.  
Cheios de aspirar sua própria miséria.  
Alguns não te ignoram por maldade.  
Já outros vão te tomar por pilhéria.  
Para esquecer sua própria infelicidade.

## Armadilha.

A noite vem e com seu sopro frio inflama.  
O peito hirto e convicto que fragilmente ama.  
Sozinho, sem ninguém, abandonado em seu drama.  
Que febril, luta contra as horas, louco a rolar pela cama.

O dia chega também e com sua ígnea chama.  
Calcina o coração daquele que reclama.  
Da sorte da solidão, que seu magma derrama.  
Destruindo sem perdão, este que triste clama.

A noite vem novamente com sua calma que engana.  
A urdir grosso tecido, de inescapável trama.  
A lhe exilar insensível em intransponível alfama.  
A lhe afogar impassível em podre e profunda lama.

E nisso toda a pobreza que hoje dele emana.  
Alimenta o monstro que aos poucos lhe esgana.  
Aumenta a aspereza que se transforma em sanha.  
No peito hirto e convicto que fragilmente ama.

## Triste matilha.

Meus magros filhos.

Saíram dos trilhos.

Minhas gordas filhas.

Perderam-se nas trilhas.

Sem conhecer da sorte o brilho.

Capturados em torpes armadilhas.

Vagando absortos, maltrapilhos.

Só tendo um ao outro como família.

Meus gordos filhos.

Minhas magras filhas.

Desgarrados, andarilhos.

De minha triste matilha.

## Vem do mar.

Vem do mar.

Me amar.

Me banhar.

Me encharcar.

Com o sal do teu querer.

Do meu sono despertar.

Me envolver.

Me valer.

Me socorrer.

Recitar.

A prosa do bem viver.

Canto puro, salutar.

Me trazer.

Teu prazer.

Corromper.

Excitar.

Meus sentidos entorpecer.

A minha sorte selar.

Vem do mar.

Me amar.

Proclamar.

Lamentar.

O que já foi nosso amor.

E o que nunca mais será.

## “Ode” aos canalhas.

Todo o canalha chora.  
Quando é desmascarado.  
Nega, se humilha, implora.  
O perdão do explorado.

Ontem ria impassível.  
Acima do bem e do mal.  
Se achando invencível.  
Com pose de maioral.

Hoje caído e aflito.  
Jura falsa contrição.  
A lamentar seus delitos.  
Clamando absolvição.

Tu não me engana canalha.  
Eu sei de onde tu vens.  
Procura a tua gentalha.  
Agora que nada tens.

Esse pranto copioso.  
Que derramas falsamente.  
É bálsamo maravilhoso.  
Remédio para minha mente.

Não sou da tua igualha.  
Não tenho por ti piedade.  
Minha vingança gargalha.  
Da tua iniquidade.

Portanto morra canalha.  
No teu merecido antro.  
Qual navio que encalha.

Não me comove o teu pranto.

## Carraspana.

Quando te sentires amargo.  
Vem e senta aqui comigo.  
Tome desse doce trago.  
Faça-te já meu amigo.

Tome um gole no gargalo.  
Cuspa no chão, blasfeme, ofenda  
Deixando descer pelo ralo.  
Essa rica oferenda.

Toda a mágoa que lhe ocorre.  
Por todos os canalhas do mundo.  
É a mesma que me socorre.  
Nesse lamaçal profundo.

E com narizes empinados.  
Vamos nos embriagando.  
Seguindo determinados.  
No vazio nos afogando.

Quando te sentires triste.  
Senta aqui à minha mesa.  
Declama uma elegia.  
Em hora à nossa pobreza.

Quando estiveres cansado.  
Da vida e do seu labor.  
Descansa aqui ao meu lado.  
Bebendo desse dissabor.

Não tema o que há de vir.  
Celebre feito criança.  
Sorvendo esse elixir.

Selando essa aliança.

Te conclamo vagabundo.

A celebrar a tristeza.

Que todas as dores do mundo.

Deixaram aqui nessa mesa.

E no final, pobres coitados.

Prostrados em apatia.

Esperamos tresloucados.

Pelo trago de um novo dia.

## Enxurrada.

Cai a chuva, e a água vem.  
Para afogar o povo.  
Ilhar os que nada tem.  
Até aí nada de novo.

Vem o sol secar a lama.  
Jaz o povo sem abrigo.  
E a encosta se derrama.  
Formando frio jazigo.

Vive e morre feito rato.  
Afogado, mal nutrido.  
Indigente, só, de fato.  
Pela vida preterido.

Eis que nasce um novo povo.  
Que a vida irá torturar.  
Para se afogar de novo.  
Na chuva que de novo virá.

## Sentença

Quem forjou a santidade.  
E sua alma aleijou.  
Como dono da verdade.  
Que em mentiras propagou.  
Cheio de propriedade.  
Perdeu tudo que almejou.

Pregando a castidade.  
Com ares de sedutor.  
Plantando promiscuidade.  
Em vestes de protetor.  
Opulento em vaidade.  
Desprezível malfeitor.

Quantas almas ultrajaste.  
Quantos corpos violou.  
Confianças enganaste.  
Sentimentos desprezou.  
Colha agora a justa parte.  
Da miséria que plantou.

Logo virá a tempestade.  
E com todo o seu furor.  
Arrastará sem piedade.  
O mal que de ti aflorou.  
E com as chamas da maldade.  
Tua alma devorou.

Então, antes que seja tarde.  
Se algo de bom sobrou.  
Procura a felicidade.  
Com o pouco que lhe restou.  
Se dispa da vaidade.

Das trevas que semeou.

## Doce Senhora.

Deixe me entrar doce senhora.  
Brilho que não apaga, ouro luar.  
Peço perdão pela demora.  
Doce perfume a inebriar.  
Meu coração não sabe a hora.  
Vento que sopra a convidar.  
Pega minha mão, vamos embora.  
Entre suas asas cavalgar.  
Algo melhor espera lá fora.  
Fontes de paz a nos banhar.  
Templo de luz, pura aurora.  
Em flora de sonhos descansar.  
Nessa paixão que revigora.  
Nunca mais vou me atrasar.

## Teu templo.

Tempo eu tenho.  
Assim eu penso.  
Manso contemplo.  
Imenso é o teu templo.  
Intenso esse incenso...  
Sento e me ofereço.  
Canso e adormeço.  
Incerto me sinto.  
Ébrio de absinto.  
Disperso desperto.  
Não sei ao certo.  
Pouco recordo.  
Louco transbordo.  
Em arrependimento.  
Triste lamento.  
Nada mais tenho.  
Nem tempo, nem templo.  
Só sofrimento.

## Vingança.

Toda lágrima que se derrama.  
De todo aquele que desaba.  
Cada qual com o seu drama.  
Na dor que nunca se acaba.

No ódio e no destempero.  
Insano, agridoce engano.  
Mergulhado em desespero.  
Por seu prazer leviano.

A queda que nunca finda.  
A dor que lhe exaspera.  
E nem começou ainda.  
A tortura que te espera.

Todo o sangue derramado.  
Todo o crime aplaudido.  
Aqui serão enfim vingados.  
Por quem foi teu oprimido.

## Doce veneno.

Meu doce veneno, amargo remédio.  
Uma taça de vinho.  
Nesse friozinho.  
Quero teu inferno.  
Nesse eterno inverno.  
O céu é o tédio.  
Essa súplica que se transforma em prece.  
Que meu corpo inflama.  
E minha alma aquece.  
Quem se queima nessa chama.  
Dessa chama nunca esquece.  
Quem desse sofrer reclama.  
Nesse sofrer padece.  
Dormir ao teu lado esperando o dia.  
Gozando na dor de eterna agonia.  
Em ais de prazer que nunca terão fim.  
Eu que nunca sonhei ser tão feliz assim.

## Crença.

É claro que eu creio.  
Que por tua alma anseio.  
Nesses teus olhos claros.  
Qual diamantes raros.  
Possesso, devaneio.  
Bebendo no teu seio.  
Confesso que eu creio.  
Largado em desamparo.  
Para o gozo me preparo.  
Em teus mistérios passeio.  
E por nada mais receio.  
Pois tu és minha crença.  
E qual criança propensa.  
A crer no que me ensinas.  
Teu amor é minha sentença.  
Amar-te é minha sina.

## Perfídia.

Pare de gritar em meus ouvidos.  
Impropérios ressentidos.  
Desprovidos de razão.  
Versos que não fazem mais sentido.  
Desconexos, explosivos.  
Que doem em meu coração.

Pare de rogar em tuas preces.  
Aquilo que não mereces.  
Por pura e simples vaidade.  
Cuida de orar em contrição.  
Por meu puro coração.  
Que magoaste com maldade.

Pare de negar o que fizeste.  
Pois tão pouco tu me deste.  
Não soubeste proceder.  
Nunca me amaste de verdade.  
Portanto a minha vontade.  
É de nunca mais te ver.

Pare de clamar o meu perdão.  
Não tenho a absolvição.  
Para a tua pequenez.  
Nada mais precisas me provar.  
Não soubeste me amar.  
Perdeste-me de uma vez.

## Nobre Doutor.

De nariz empinado.  
Posas de superior.  
Terno fino, bem cortado.  
E esse anel de doutor.  
Tão limpo e perfumado.  
Tão insigne doutor.  
Vulto culto e letrado.  
Diria até sedutor.  
És sepulcro caiado.  
De pútrido interior.  
No fundo és um falsário.  
Que julgando com vigor.  
Se apropria do erário.  
Enganando teu credor.  
Recebes teus honorários.  
Hábil manipulador.  
Ladrão bem apessoado.  
Fidalgo usurpador.  
Mais que cara feia!  
Por que, nobre doutor?  
Se a dor alheia.  
Não é a tua dor?  
Enfim caístes na teia.  
Que orgulhoso tramou.  
Transformou-se em areia.  
Todo o ouro que roubou.  
Apodreça no inferno.  
Pois o justíssimo Averno.  
Foi tudo o que te sobrou.

## Nosso reino.

Teu corpo que tanto amo.  
Meu templo e minha morada.  
Que santifico e profano.  
Crepúsculo e alvorada.

O ar perfumado e puro.  
Festeja o teu despertar.  
Vida em paz, porto seguro.  
Em eterno celebrar.

Um sol para a tua alma.  
Com raios de perfeição.  
Que em teu coração entalha.  
A mais doce emoção.

Não há fruto proibido.  
Todo o mal foi expurgado.  
Há muito foi esquecido.  
De onde o mal foi gerado.

Não fitarás as estrelas.  
Que te faziam sonhar.  
Quando precisar revê-las.  
Busca-as em meu olhar.

## A queda do rei.

De onde veio esse rei.  
Quem foi que o entronou.  
Um bobo fora da lei.  
Que essa terra arrasou.

Quem foi que fez esse rei.  
De maldade e perversão.  
Um vagabundo, isso eu sei.  
Um genocida ladrão.

Quem acreditou nesse rei.  
Um parasita asqueroso.  
Loucos! eu avisei.  
Esse mitômano trevoso.

Quem apoiou esse rei.  
Que nosso pouco tomou.  
Ratos! eu sempre frisei.  
E tudo se confirmou.

Quando tombar esse rei.  
Com sua corja enfermiça.  
Fogo! eu rogarei.  
Faça-se enfim a justiça.

## Ressurreição.

Já que não posso matar-te assim como matam os que já estão mortos, já que não posso e não quero, mato-te de minhas lembranças, de meu apego, de minhas esperanças, mato-te até de meu desprezo e de agora em diante estais morto, enfim é como você nunca tivesse existido. Vingança maior estou para ver, sem sangue, sem escândalo, sem lágrimas, sem pecado, sem culpa.

Não que eu te odeie, ou porque me tiveste feito algum mal, mato-te porque dizes que me amas, e para mim é impossível tolerar tal afronte, mentira tão deslavada e cínica, equívoco presunçoso que só tua vaidade é capaz de alimentar e defender como verdade.

Os tolos e suas verdades, seus cérebros conspiram continuamente para lhes capturar nessa armadilha pueril, e eles, sentindo a necessidade viciada de terem uma opinião nesse mundo de opiniões se entregam inocentemente a esse embuste.

Burrice ou inocência, para mim tanto faz, faça seu próprio julgamento, embriague-se com suas convicções, perca-se no labirinto de sua estupidez, navegue até o alto mar de conjecturas que não te levarão a lugar nenhum, e por lá pode continuar, pode continuar a achar que me amas, no limbo, no nada, no além, nas suas fantasias, quimeras, devaneios, fábulas quixotescas, conspirações absurdas, sonhos irrealizáveis como todos os sonhos, nada mais importa, você está morto para mim.

Prefiro assim, não me entenda mal, não me considere cruel, não me odeie, não me persiga, não busque por respostas, não caia em desespero ou em depressão, não tente suicídio, não se faça de vítima, não me culpe, siga seu caminho, você está morto agora, aproveite a liberdade de estar morto para mim.

No começo não será fácil, acredite em mim, será duro, você tropeçará em si mesmo, sempre em si mesmo, cairá, sofrerá amargamente, se sentirá sozinho, até entender que não precisa de mim, de ninguém, entenderá que o único obstáculo que terá que transpor é você, depois que isso tudo tiver passado, depois que você começar a se sentir verdadeiramente livre, você sentirá vontade até de me agradecer, mas não precisa, você já terá até me esquecido, será feliz, aproveitará então o tempo que lhe restar, terá aprendido o qual insensato terá sido amar alguém. Essa será a sua ressurreição.

## Refúgio.

Cai em tédio que se transformou em sono.  
Perdido no mistério de meu triste abandono.  
E quando o luto se transformou em dia.  
Continuei sonhando nessa letargia.

Aprisionado por teus cruéis caprichos.  
Me vi dormindo à margem desse precipício.  
Sigo sonhando sem querer acordar.  
Temendo que esse sonho venha um dia acabar.

Ausente a tudo que diz respeito ao mundo.  
Fito o abismo sem vislumbrar seu fundo.  
Volto a dormir clamando pelo sonho.  
Onde o abismo não é tão medonho.

Pois em vigília a vida é sem sentido.  
Sentindo a dor de te haver perdido.  
Durmo esperando pelo teu perdão.  
Em duro leito de pura ilusão.

## Reaja!

Não brinque com a sorte.  
Desafiando a morte.  
Nem ouse tentar.  
O teu santo é forte?  
Por mais que se esforce.  
Não vai te livrar.

Aproveita a vida.  
Bebendo da bebida.  
Que a mesma lhe dá.  
Comendo sua comida.  
Azeda e dormida.  
Sem regurgitar.

Lamba sua ferida.  
Funda e dolorida.  
Sem medo de errar.  
Não que isso importe.  
Sê forte e suporte.  
Vai Cicatrizar.

No fim tudo passa.  
Refeição de traça.  
Será teu temor.  
Foge da trapaça.  
Enfrenta a ameaça.  
Reaja a essa dor.

## Quimera.

No silêncio de tuas orações.  
Cheguei até a sentir o cheiro do céu.  
Que sem você jamais sonhei ser possível existir.  
Com suas matas e regatos de águas cristalinas.  
Nos quais corríamos e nos banhávamos.  
Livres e nus, inocentes e felizes.  
Quando cansados de prazer.  
Extasiados de contentamento.  
Nos entregávamos ao sono que não trazia sonhos.  
Em suas asas descansávamos triunfantes.  
Ansiosos apenas por despertar.  
E viver juntos mais um dia desse paraíso.  
No silêncio de tuas orações.  
Cheguei até a pensar que a felicidade.  
Fora feita para mim e para você.  
Sem saber que a felicidade é uma quimera.  
Que se desfez quando eu enfim percebi.  
Que jamais pertenci ao silêncio de tuas orações.

## Esconderijo.

O templo não mata a fome.  
Só aprisiona o homem.  
Prometendo salvação.  
Não dá água de beber.  
Não se preocupa em aquecer.  
Em sua santa omissão.

A mão do templo só alcança.  
Aquele que dança a dança.  
De ser devoto e servil.  
Mas não reparte com ninguém.  
Nem com os que dizem amém.  
Os bens de seu mercantil.

O templo embriaga e entorpece.  
Com o vinho que oferece.  
Quem seus erros confessar.  
Mas expulsa de sua mesa.  
Demite de sua empresa.  
Quem ousar lhe contestar.

O que o templo representa...  
No trono em que se assenta.  
Com ares de santidade.  
Qual prostituta obscena.  
Que em seu teatro encena.  
A farsa da castidade.

Liberte-se da escravidão.  
Renegue a obrigação.  
Que esse templo fomenta.  
Fuja então enquanto é tempo.  
Dessa massa sem fermento.

Que de tua alma se alimenta.

## Inocência.

Escute com atenção.  
Espere, respire fundo.  
Pergunte com insistência.  
Queres destruir meu mundo.  
E eu nego com veemência.  
Do fundo do coração.

Absurda alegação.  
Mais reles que um segundo.  
De imperceptível frequência.  
Um sentimento profundo.  
Que exala indecência.  
Que envergonha a razão.

Não sei se sim nem se não.  
Se é árido ou fecundo.  
Se haverá indulgência.  
Para um pobre moribundo.  
Que luta em resistência.  
Contra tal acusação.

Implacável punição.  
De ser odioso, imundo.  
Que me julga sem clemência.  
Pelo medo que a ele infundo.  
Já provei minha inocência.  
Jamais pedirei perdão.

## Brisas e Monções.

O vento frio da manhã já denuncia.  
O quão quente será todo o meu dia.  
No deserto do meu velho coração.  
Foi-se embora apressado esse vento.  
Levantando poeira truculento.  
Me deixando a mercê da solidão.

Orgulhoso, vaidoso e insensível.  
Sai no mundo a espalhar sempre terrível.  
Suas lufadas ardentes ou de frescor.  
Vai em busca de outros sofrimentos.  
Espalhando o mais vil dos sentimentos.  
Hoje há ódio onde antes havia amor.

Vento triste, covarde, trapaceiro.  
Me envolveu em teu manto traiçoeiro.  
Carregando a minha doce querida  
De brisa leve tornou-se redemoinho.  
Quando atravessou o meu caminho.  
Arrasando para sempre minha vida.

Usurpastes a quem eu tanto amava.  
Apagaste a fogueira que queimava.  
Eu que tolo um dia em ti confiei.  
Nesse luto para sempre te maldigo.  
Me enganaste se fingindo amigo.  
Me roubando aquela a quem amei.

## Ode a todos os Cancrovermes.

Em toda façanha.  
O diabo é quem ganha.  
O verme, profuso.  
Celebra sua sanha.  
E cai na artimanha.  
O pobre obtuso.

Em sua vitória.  
Permanente glória  
O diabo celebra.  
Maldita escória.  
Sempre a mesma história  
E nunca se quebra.

Mil vivas ao mal.  
Eterno, imortal.  
Que em ti habita.  
Pois ele afinal.  
É parte essencial.  
Que te parasita.

E o parasitismo.  
Do podre fascismo.  
Que te faz tão cretino.  
É o fundo do abismo.  
Abjeto cinismo.  
Lhe sela o destino.

Besta irascível.  
Não creio ser possível.  
Alguém tão pequeno.  
Baixíssimo nível.  
Imundo, terrível.

Terás teu veneno.

Caia na cilada.

Tombe na emboscada.

De tão vil moral.

Foste cooptada.

Seja escravizada.

Por todo esse mal.

Viva na maldade.

Na promiscuidade.

Podre e viva chaga

Pusilanimidade.

Pura crueldade.

Que lhe embriaga.

Por fim, siga em frente.

Confiante, crente.

Defenda o engano.

Delinqua insistente.

Sorrateiramente.

Verme leviano.

Não tenho esperança.

Que alguma mudança.

Irá se operar.

O mal que avança.

Que a tantos alcança.

Jamais morrerá.

## Capricho.

Vou perdoar-te já que ninguém perdoa.  
Te arrebatat e te tornar só minha.  
E vou amar esse teu jeito à toa.  
E nunca mais te deixarei sozinha.

Vou mastigar essa tua carne impura.  
Beber teus sucos, devorar teu sumo.  
Esse maná que minha alma cura.  
Banquete eterno para o meu consumo.

Vou venerá-la santa leviana.  
Dobrar os joelhos à sua realeza.  
Sorver o caldo que de tua alma emana.  
Embriagar-me em tua impureza.

Vou atirar-me em teu precipício.  
Buscando o gozo que nunca tem fim.  
Em teus prazeres encontrar meu suplício.  
Valha-me Deus, o que será de mim...

## Estigma.

Eu luto tanto.  
Engulo o choro.  
Enxugo o pranto.  
Entrego o ouro.  
Descubro um outro  
Cobrindo um santo.  
Grito.  
Brigo.  
Aflito.  
Instigo.  
Esperneio.  
Calo.  
Devaneio.  
Me entalo.  
Mato sem dó.  
Fujo de mim.  
Me sinto só.  
Eu sou assim.  
Amo calado.  
O que ouço não me agrada.  
Ensimesmado.  
Em luta acirrada.  
Já derrotado.  
Do tudo ou nada.  
Eu sou assim.  
E choro só.  
Sozinho enfim.  
Ponto sem nó.

## Imensos vazios.

Gargalham crianças.  
Inocentes e puras.  
Cachorros abanam seus rabos.  
Gatos nos suplicam.  
Que sirvamos às suas preguiças.  
Velhos clamam por atenção.  
Mulheres por devoção.  
Homens vão e vem.  
Perdidos e presunçosos.  
Zelosos por manterem.  
Seus disfarces e perderem.  
Tempo construindo templos.  
Para si mesmos, para venderem.  
Para lucrarem com a loucura.  
De outros homens.  
Que produzem crianças.  
Chutam gatos e cachorros.  
Desprezam velhos.  
Matam mulheres.  
Cheios de si.  
Na imensidão de seus vazios.

## Tua sombra.

Caminhando sem rumo pela rua.  
Minha sombra encontrou a sombra tua.  
E saímos juntos perambulando.  
Irmanados como que por encanto.  
Foragidos à procura de um recanto.  
Nossas sombras unidas iam vagando.

E quanto mais o tempo passava.  
Mais à tua sombra eu me afeiçoava.  
Me sentindo já o dono do mundo.  
Tua sombra me seguia silenciosa.  
Para a terra prometida, gloriosa.  
Onde um século não é mais que um segundo.

E no meio de nossa árdua jornada.  
Eu notei tua sombra já cansada.  
E o terror invadiu todo o meu ser.  
Meu reflexo no teu eu não mais veria.  
Pois senti que tu me abandonarias.  
Me roubando o sentido de viver.

Tua sombra que a meu lado caminhava.  
Doce irmã, alma pura que eu amava.  
Sempre foi a mais louca fantasia.  
Hoje vago sozinho, desolado.  
Em passos de infortúnio, abandonado.  
Por tua sombra que não mais existia.

## Longe de ti.

Se matares todo mundo.

Vais terminar sozinho.

Em um mundo desolado.

Triste como tu.

E os que tu mataste.

Viverão livres enfim.

Em um mundo justo e pacífico.

Felizes por estarem.

Para sempre longe de ti.

## À espera da chuva.

A chuva que aqui não pousa.  
Para molhar nossa tristeza.  
O abraço de adeus.  
Que ficamos nos devendo.  
O que pensávamos ser.  
Orgulhosos enganados.  
O vento que recita nosso nome.  
Entardece e a mãe terra.  
Se prepara para deitar-se.  
E sonhar sonhos.  
Que eu e você.  
Não somos dignos de sonhar.  
Juntos ou separados.  
O sol que aqui fez morada.  
E nos fez prisioneiros.  
Dessa vida seca e quente.  
Que nos envelhece.  
Áridos e ávidos.  
De saber o que é amar.

## Falso amor.

Tão de repente, inesperadamente.  
Mas merecidamente.  
Eu perdi o teu amor  
Puro e inocente.  
Displicentemente, imprudentemente.  
Acreditei no teu pudor.

É bem verdade que quem jura mente.  
Quem bate não sente.  
A dor que ao outro causou.  
Dissimulando tão cinicamente.  
Jogas-te fora friamente.  
O que esse tolo lhe ofertou.

E hoje vivo murcho e desolado.  
Cabisbaixo, abalado.  
Vítima do seu desdém.  
Tal qual cordeiro puro imolado.  
Passarinho engaiolado.  
Sem acreditar em ninguém.

Beijei a boca de tão vil serpente.  
Que sorrateiramente.  
Aos poucos me envenenou.  
Por isso mesmo de hoje em diante.  
Para sempre, doravante.  
Abolirei o falso amor.

## Inglório

Não venha me falar coisas de riqueza.  
De glórias ou de nobreza,  
Que eu vou rir de você.  
Jamais sentarei à sua mesa,  
Respeito a minha pobreza.  
Minha fome é de viver.

Caminho solto e liberto.  
Desprezando seus decretos.  
Desdenhando o seu poder.  
Sigo o caminho correto.  
Vivo sob humilde teto.  
Me importa o ser, não o ter.

Tua empáfia não me ilude.  
És doente, sem saúde.  
Carente que nada em ouro.  
Eu com saúde, mas doente.  
E o amor de minha gente.  
É o meu maior tesouro.

Não venha me falar coisas de orgulho.  
Nesse charco eu não mergulho.  
Me abstenho de fazer.  
Parte desse opulento entulho.  
Que me causa no estomago embrulho.  
Me enche de repulsa o ser.

## Desamor

Quem não sabe amar escreve. Descrente que esse amor florescerá. Uma sentença que nunca prescreve. Viver a escrever sem saber amar.

## Berenice.

Maria Alice

Uma vez me disse.

Que a Berenice.

Cheia de sandice.

Andava muito triste.

Com sua solteirice.

Apelando à crendice.

Como se pedisse.

Que o mar se abrisse.

Que do céu caísse.

Que Deus lhe ouvisse.

E permitisse.

Que alguém lhe visse.

Por mais que insistisse.

Por mais que sorrisse.

Por melhor que se vestisse.

Sozinha, Berenice.

Entrava na velhice.

E Maria Alice.

Que com sua meiguice.

Amava Berenice.

No final desiste.

Seu amor não resiste.

E com tristeza assiste.

A cega idiotice.

Pura tolice.

Da solitária Berenice.

## A paz.

Não lembro quando ela chegou aqui, mas, a paz já estava tão grande, aumentava de tamanho a olhos vistos. Suas longas madeixas reluziam, seus olhos de todas as cores brilhavam, crescia forte e saudável, brincava solta e comia de tudo, dava gosto de se ver, estava gordinha sem correr o risco de se tornar obesa, saudável, a paz nunca havia contraído um simples resfriado que seja, era carinhosa, amorosa, era alegre e festiva, inteligente e espirituosa, era atenciosa, bastava chamá-la que ela já vinha a seu encontro, não tinha um nome, tinha todos os nomes e atendia por qualquer um, escutava tudo com invulgar atenção, falava sempre e tão somente o necessário.

Não dava despesa ou preocupação, não chegava tarde em casa, não dava trabalho para acordar nem para dormir, não reclamava quando chegava a hora de tomar banho, a paz era perfeita, estava sempre ao meu lado mesmo quando parecia ausente, povoava meu mundo, visitava meus sonhos, vigiava minha casa, acalmava minha alma. E assim, seguíamos em comunhão que parecia eterna, eu e a paz, a paz e eu, amigos, irmãos, pai e filha, homem e mulher, casados, amantes, cingidos de felicidade, de amor, de cumplicidade, de lealdade, em mais que perfeita combinação.

E quanto mais ela crescia, mais bela se tornava, e quanto mais bela se tornava, mais feliz me fazia, e quanto mais feliz eu me tornava, mais orgulhoso eu me sentia, e de uma hora para outra, assim como do nada, comecei a sentir medo de perdê-la. E esse medo começou a me tirar a paz, minando lentamente todas as forças que julguei ter e roubando todos os momentos que eu deveria desfrutar ao lado de tão venturosa companheira.

E esse medo começou a me fazer perder a paz, e minha vida, outrora tão ditosa, tornou-se assombrada pelo desânimo e pelo pânico que me tornaria prisioneiro de meu próprio egoísmo, egoísmo esse que, filho de minha pequenez, me fez tornar-se algoz da paz que tanto eu amava. Meu egoísmo e minha vaidade, ajudaram-me a construir uma prisão no qual eu pretendia aghilhoar a paz, prendê-la com a desculpa de proteger, achando-me dono e senhor da mesma. E assim procedi, ergui altas e espessas paredes e confinei-a com a melhor das intenções, ali nada lhe faltaria, ela não seria minha prisioneira como alguém a princípio poderia pensar, esse seria nosso santuário, nosso esconderijo, nossa morada tão caprichosamente fortificada, provando minha gratidão e declarando meu amor, eu cuidaria da paz até o fim de meus dias. Nada nem ninguém poderia roubá-la de mim, jamais a fariam mal, era tão somente minha, quem quisesse ter alguma parecida ou igual que procurasse e se fizesse merecedor.

Assim eu pensei, achei que a paz caberia dentro de mim, achei que poderia abrigá-la e obrigá-la a servir aos meus caprichos, me enganei pensando ser seu dono, perdi-a, pois fui incapaz de compreender sua grandeza. E antes generosa, antes solícita, antes deslumbrante, antes fulgurante, leal, amiga, companheira e cúmplice, a paz tornou-se serva descontente, indiferente, prisioneira que a cada dia definhava em agonia silenciosa, em martírio doloroso, em desgosto lento e irreversível.

Aos poucos morreu a paz, com olhos opacos que me fitavam- e eu não saberia mais dizer que cor tinham- morreu prisioneira de minha insensatez, libertando-se enfim de meu julgo inferior. Com certeza renasceria ao lado de quem saberia desfrutar de seu valor, ao contrário de mim, que nunca soube verdadeiramente saber quem ela era, indigno que sempre fui em tê-la dentro de mim.

## O melhor remédio.

Estais se sentindo sozinho.  
Afogado em enorme tédio.  
Lutar é o melhor remédio.  
Perdeu-se no escuro caminho.  
Quer se atirar de um prédio.  
Lutar é o melhor remédio.  
Viu-se caído do ninho.  
Não conheces privilégio.  
Lutar é o melhor remédio.  
Se te cega o redemoinho.  
Te acusam de sacrilégio.  
Lutar é o melhor remédio.  
Se é completo o desalinho.  
Estais a sofrer assédio.  
Lutar é melhor remédio.  
Vê-se preso em burburinho.  
De nefasto sortilégio.  
Lutar é melhor remédio.

## Meu mundo.

Eu me aproximei daquele quadro, juro que sem querer, como que atraído por força inexorável, me vi diante daquela pintura, que não tinha forma, mas que continha todas as vidas pelas quais eu havia passado. Encontrei nele estranhas paisagens, densas e estéreis paisagens, ricas de ódios incontidos e amores ressentidos que se partiram em milhares de pedacinhos ao caírem de altura inimaginável e que jamais poderiam ser juntos novamente, tintas de todas as cores, cores que eu não conhecia, jamais havia visto. Cheiros da infância, dos seios de minha mãe que me amamentava, do suor de meu pai quando retornava do trabalho, dos dois abraçados me concebendo, gostos da meninice, de minhas lágrimas que escorriam para a minha boca, sons das cantigas de ninar, das primeiras rezas, da aspereza dos carões, dores de quedas e primeiros dentes nascidos, das primeiras palmadas, inocência, pureza. Da adolescência e suas descobertas, incertezas, solidão e angústias, raiva de quem presente toda a sorte de provações que estão por vir. E agora, adulto fugitivo que teme ser recapturado e ter que voltar para as masmorras que sua própria consciência construiu. Vislumbrei sombras e luzes agrupadas, cintilantes e opacas, convergentes e difusas, que espalhavam medo e desejo em perfeita sintonia, que iluminavam cômodos que eu jamais pensei existir em minha alma, que eclipsavam e não me deixavam ver o que eu desde sempre procurei.

Aquela pintura, que me apontava o caminho de paraísos distantes, desejos proibidos e indomáveis, insaciáveis e verdadeiros. Que fazia pulsar em meu peito a sensação de completa felicidade, perda do pouco domínio que eu já tivera sobre todas as minhas emoções, total e absoluta falta de culpa. E me apaixonei por aquele quadro, por aquela pintura que me fez prisioneiro do seu reino etéreo e fascinante, de suas entranhas que se tornaram meu alimento, de sua vontade que unida a meu desejo nos tornou um só. Eu havia enfim encontrado o mundo ideal, o lugar em que vida e morte não se apartavam, dor e prazer entoavam o mesmo canto em uníssona melodia.

Desde então, nunca mais fui o mesmo, me afastei de tudo e todos, ansiando desesperadamente pela fuga derradeira, abandonei o mundo que sempre desprezara, as pessoas por quem nunca nutri afeto, renunciei a todos os prazeres do qual nunca me senti fazer parte. O mundo com suas convenções e relações efêmeras, com seus trajes fantasiosos, máscaras de falsa beleza que escondiam atrás de si rostos enrugados de tédio, aversão, apatia e angustias inconscientemente negadas.

Por fim resolvi fazer minha travessia do Rubicão, a sorte estava lançada, a decisão não era difícil, mas era sem volta. E assim procedi, despido de prudência, lancei-me incontinente, mergulhei sequioso, peguei a estrada sem olhar para trás, certo de que jamais retornaria, seguro que havia descoberto o mais perfeito dos mundos e que lá eu reinaria sozinho.

Um quadro de adorno atrativo, hipnotizante, uma ilusão no meio de tantas ilusões, aquela pintura...Eu não sou digno de viver em mundo algum, o imaginário, o mundo com o qual eu tanto sonhava, aspirava como cura para minha doença, em nada se mostrou melhor que o mundo real. Não havia paraíso, não me proporcionava deleite e visto agora tão de perto, era tão estéril quanto o mundo real, tão caótico e preguiçoso, entediante e vulgar, sujo e soturno.

Cheguei a triste conclusão, que não há quadros magníficos nem projeções fantasiosas que me façam fugir do mundo triste que construí para mim. Seja em que mundo for, serei sempre escravo da própria angústia, cativo da própria revolta, exilado, deslocado, sozinho.

## Noite velha.

Imenso e profundo vazio.  
Sob o céu que a tudo assiste.  
E com seu manto abobadado.  
Cobre nossos pecados em sono de feras primitivas.  
Que sonham com deuses que há muito pereceram.  
Eterno e infinito engano.  
Embragados de ópio e devaneios.  
Procriando e devorando-se brutalmente.  
Em súplica revoltada.  
Irmanados pela cegueira.  
Sob o céu indiferente.  
Que em breve morrerá também.  
Como os deuses que povoam nossos sonhos.

## Saudade de você.

Sem razão de ser.  
Tão de repente.  
Abateu-se sobre meu peito.  
Pousou em minha alma.  
Cegou-me os olhos.  
Calou-me o grito.  
Esmagando-me as vísceras.  
Encurralando-me.  
Empurrando-me.  
Acordando-me.  
Amarrando-me.  
Açoitando-me.  
Violentando-me.  
Amargurando-me.  
Abalando-me.  
Persistente.  
Inclemente.  
Inconsciente.  
Intrigante.  
Ultrajante.  
Necessidade.  
Carência.  
Saudade.  
De você.

## Teus seios.

Tão perdido eu estava entre os teus seios.  
No sublime exercício de te amar.  
Que julguei serem fim todos os meios.  
Que era eterno e divino esse pecar.  
E me achando senhor de teus anseios.  
No compasso do teu peito a arfar.  
Descobri que era tolo devaneio.  
Impossível para mim te dominar.  
E então, servil, me entreguei por inteiro.  
Para de todo o mal me libertar.  
No teu colo me aninhei sem receio.  
Prometendo jamais te abandonar.

## Mulher.

Da Deusa o mais belo presente.  
Que entenece o meu coração.  
És mulher, mas não somente.  
Brilhante constelação.  
A mais fecunda semente.  
E eu em cara devoção.  
Graças vos dou veemente.  
Em sincera oração.

## Sem cura.

Doente sem cura.

Pérfida serpente.

Que mente, que jura.

Descaradamente.

Riqueza, fartura.

No fundo descrente.

Insípida criatura.

Se diz inocente.

De alma impura.

Mas tão convincente.

Doente sem cura.

Um verme somente.

## O tempo.

Afogando-se no medo cruel e extremo.  
Quanto mais jogamos, mais e mais perdemos.  
Quanto mais andamos, mais retrocedemos.  
Já submergindo, nós nos debatemos.  
Em vão suplicando, tão pouco queremos.  
Com a maior certeza, nada mais seremos.  
Que tudo é inútil, somos tão pequenos.  
Nos resignamos e nos recolhemos.  
E o tempo passando, vamos fenecendo.  
Vamos protelando, e nos esquecendo.  
Do tempo implacável que vai nos vencendo.  
Uns contam a mais, eu conto a menos.  
Aos poucos a certeza vai nos abatendo.  
Um caldo amargo, terrível veneno.  
Que vai nos minando, vai nos corroendo.  
Vai nos devorando, sugando e bebendo.  
Por fim se apossando do pouco que temos.  
Então para onde e por que corremos?

## Sozinha.

A sanha.  
Da sombra.  
Que senta.  
A língua.  
E ferre.  
E franze.  
O senho.  
Se finge.  
De santa.  
E sai.  
De si.  
E vai.  
Sonhando.  
Em ser.  
Sincera.  
Suspira.  
Sem saber.  
Sisuda  
Não sorri.  
Sem sentir.  
Pena.  
De ninguém.  
A viver.  
Sempre.  
Sozinha...

## Ressaca.

Eu te conheço.  
Por isso não te compro.  
Não mais.  
E como não estou.  
Nos meus melhores dias.  
Quero que saibas.  
O quanto te desprezo.  
Mas não te odeio.  
Longe de mim.  
Não vales meu ódio.  
Assim como não vales.  
Uma canoa furada.  
Nesse imenso mar.  
Que banha minha alma.  
Com a força das marés.  
Que limpam meu ser.  
De terríveis erros.  
No qual o maior.  
Foi ter-te procurado.  
E ter amado você.

## Despedida.

Eu só passei para lhe avisar.  
Que o leite azedou.  
A vaca foi para o brejo.  
A carne apodreceu.  
A fonte secou.  
O sol não acordou.  
Calaram-se todas as vozes.  
Fecharam-se portas.  
As flores murcharam.  
Segredos perderam o valor.  
Caducou a esperança.  
Sufocando os sonhadores.  
Pariram a morte.  
Ruíram rimas.  
Tropeçaram versos.  
Abriu-se enorme fenda.  
Entre você e eu.

## O grito.

Vamos gritar todos juntos.  
O mais alto que pudermos.  
Vamos berrar até perdemos.  
O fôlego, a vergonha, a apatia.  
E que esse grito seja o último.  
Bramido, clamor, suspiro.  
Vamos guinchar em rogos de revolta.  
Para que o céu acorde de seu sono.  
Covarde, egoísta, indiferente.  
E escute a súplica dos deserdados.  
Vamos vomitar com esse grito.  
O ódio, o medo, a ignorância.  
Expelir de nossas entranhas.  
Em golfos tóxicos hemorrágicos.  
Toda a lama imunda de nossa essência.  
E por fim, acordar do pesadelo.  
De uma existência que nunca teve sentido.  
Convulsivos, coléricos, ébrios de loucura.  
Abandonando o fardo dessa escravidão.  
Se exilando no silêncio para sempre.

## Ode aos vis.

O desprezo é o melhor presente.  
Para certo tipo de gente.  
Que diz sentir o que não sente.  
Que só não finge quando mente.  
Que se aproxima sutilmente.  
Diz te amar tão falsamente.  
Para te trair cinicamente.  
E não são poucos, infelizmente.  
Mas eu resisto, indiferente.  
E continuo os desprezando plenamente.

## Perseguição.

Com ódio de ferro em brasa.  
Marcaste meu coração.  
Cortou depois minhas asas.  
Sem dó e sem compaixão.  
Pôs fogo em minha casa.  
Com ares de presunção.  
Me enterrando em cova rasa.  
Negando-me extrema unção.  
Com fúria que a tudo arrasa.  
Qual terrível furacão.

E a malícia que difama.  
Arrastando pelo chão.  
Tolo aquele que clama.  
E implora por perdão.  
Consumido pela chama.  
Da mais vil perseguição.  
Eis o sofrer que reclama.  
Mas todo rogo é em vão.  
Há de perecer na lama.  
Condenado sem razão.

## Teu abraço.

Não despreze meu abraço.  
Para ti vai ter sempre espaço.  
Estarei sempre a te esperar.  
Vem matar o teu cansaço.  
Se enroscando nesse laço.  
Que urdi para te enlaçar.  
Ao teu lado me desfaço.  
Livre de todo o embaraço.  
Nesse sublime abraçar.  
Vem cair nesse regaço.  
Da minha alma um pedaço.  
Que guardei para te ofertar.

## Culpa.

É nesse quarto eternamente escuro.  
Em que jaz morta toda a esperança.  
Que vivo preso, morto prematuro.  
Acorrentado à mais cruel lembrança.

Em desvairado choro de criança.  
A suplicar sem ser jamais ouvido.  
Respiro a dor em toda a sua pujança.  
Qual parricida já arrependido.

Tento orar, a prece não me acalma.  
Pelo contrário, mais culpa me imputa.  
Feito navalha que me corta a alma.  
Com lâmina untada de mortal cicuta.

E com agulhas que me furam o ser.  
A culpa em mim potencializa a ânsia.  
De viver a morte, fugindo de viver.  
Escravizado nessa imunda estância.

E nesse quarto por Deus esquecido.  
Vivo abraçado a serpente venenosa.  
Cumprindo a pena de anjo caído.  
Vítima da teia divina e ardilosa.

E nesse quarto para sempre desterrado.  
Comendo as sobras de todas as dores.  
Que regurgito após ter excretado.  
Me empanzinando de mil dissabores.

Minha sombra triste é parte desse quarto.  
Com suas paredes caiadas de loucura.  
De pedras frias das quais não me aparto.

Quarto assombrado, eterna sepultura.

## Náufragos.

Amaram-se como simples náufragos em deserta ilha.

Armaram-se com o que encontraram em tão selvagem trilha.

Munindo-se com o que sobrara de desigual partilha.

Ungindo-se com a profana seiva--- que da luxúria é filha.

Comeram as sobras um do outro sob o luar sagrado.

Renderam seus ódios e amores em altar consagrado.

Deixaram -se entregues a si mesmo sem esperar retorno.

Unindo-se em alma e corpo livres de qualquer adorno.

## Em silêncio.

E aconteceu.

Eu resolvi calar-me e calei-me.

E o silêncio.

Que tamborilava em minha alma a melodia da paz.

Que nunca antes eu havia experimentado.

Que eu jamais sonhara existir.

Enfim atendeu minhas súplicas.

E me apartou para sempre de todos os homens.

E de seus barulhos irritantes.

E de suas falas vazias.

De seus monólogos intermináveis.

De suas palestras torturantes.

De suas declarações absurdas.

Conversas insuportáveis.

E assim morri feliz.

No silêncio

Em silêncio.

## Degredo.

Sofro em segredo.  
Nesse degredo.  
Que me traduz.  
Engulo o medo.  
Frio e azedo.  
Carrego a cruz.  
Nesse degredo.  
Sofro em segredo.  
Que me seduz.  
Na dor me excedo.  
Morto tão cedo.  
Sem paz, sem luz.

## Indigente.

Acordou como sempre acordava.  
Com gosto de enfado, desânimo e desgosto.  
Cansado, soturno, quase morto.  
Mutilado de sentimentos ditos nobres.  
Somente a aversão a tudo que fosse vida.  
Uma alma ulcerada, moribunda, catatônica.  
Infeliz, abriu os olhos com tristeza.  
Previendo o choro, cerrou os olhos com fúria.  
Engoliu o soluço, cuspiu a autopiedade.  
Se espreguiçou como que fugindo de si mesmo.  
Veio-lhe um riso debochado e zombeteiro.  
Era o seu ódio finalmente despertando.  
Para lembrar-lhe do dia que o esperava.  
De sua fome, de sua miséria, de sua doença.  
De sua cor, de sua casta, de seus vícios.  
Seria longo esse dia como os outros.  
Intolerante, implacável, impiedoso.  
Insensível, sádico e violento.  
Insalubre, infrutífero, opressor.  
Nublado, frio, Branco.  
Que acabaria como todos os outros.  
Lhe fazendo sentir-se culpado.  
Por já não ter morrido.  
E ter sua existência varrida.  
Para a vala em que jazem.  
Seus pares, os indigentes.

## Sombra.

Eu não sei quem sou ao certo.  
Decerto não sei quem sou.  
Pronome do caso reto.  
Que antes de ir regressou.

Sem rumo sigo calado.  
Me escondo da luz do dia.  
Sou verbo não conjugado.  
Que dispensa companhia.

Rimo a rima da tristeza.  
Verso o verso do vazio.  
Que destila impureza.  
Lamparina sem pavio.

Desafiando a verdade.  
Convencido da mentira.  
Propagando com alarde.  
Minha venenosa ira.

É, não sei quem sou ao certo.  
E não sei de onde venho.  
Se vim de longe ou de perto.  
Eu só sei que nada tenho.

Então se não tenho nada.  
Nada posso lhe ofertar.  
Minha alma enlutada.  
Só espera a morte chegar.

Sou sangue que se derrama.  
Choro que nunca tem fim.  
Que apodrecem feito lama.

Que trago dentro de mim.

## Não vá.

Eu não fui.  
Não porque,  
você não me convidou.  
Não fui.  
Porque o que vi daqui.  
Encheu meu coração.  
De indescritível temor.  
O que soube daqui.  
É que, o que lá haveria.  
Esvaziaria meu coração.  
Da ternura e paixão.  
Tão bem escondidas.  
Guardadas, preservadas.  
Somente para ti.  
Então não vá.  
Fique aqui comigo.  
O que temos aqui.  
Já basta para que.  
Sejamos felizes

## Lacrimare.

Choram os santos.

Choram tanto.

São tortos.

De pau oco.

Não são poucos.

Mas sabem o quanto.

É falso esse pranto.

Risível portanto.

Choram os santos.

Choram tanto.

Já roucos.

Já loucos.

São toscos.

Esboços.

Pois estão mortos.

## Inveja.

Tecendo sua teia para a mortalha alheia.  
Alimenta a matilha, que do seu ódio é filha.  
Dos vis, filha diletta, podre ferida aberta.  
Seu toque embrutece, tudo que é bom fenece.  
Com fedor de carniça, tua vida cobiça.  
Sinistra e ardilosa, esconde em sua prosa.  
Licor envenenado, de néctar disfarçado  
Espalha sorradeira, sua peçonha certeira.  
Tramando amiúde, minando a saúde.  
De quem se aproxima, sempre a fingir estima.  
Dizendo-se boazinha, coitada, pobrezinha.  
É tudo falsidade, uma insana maldade.  
Nas trevas se disfarça, cortina de fumaça.  
Inveja, a virulenta, que todo o mal fomenta.

Victor Severo

## Os diabos.

Muito cuidado com o diabo.  
Que do tolo se aproveita.  
Muito cuidado com o diabo.  
Que erigi sórdida seita.  
Muito cuidado com o diabo.  
Que está sempre à espreita.  
Muito cuidado com o diabo.  
Que com teu mal se deleita.  
Sua infâmia leva a cabo.  
No teu suor rola e deita.  
Afasta de ti todo o diabo.  
De moral sempre tão estreita.  
Maldito infeliz podre diabo.  
Seu nome: extrema-direita.

## Teu mar.

Ouvi teu mar me chamando. Para em suas águas morar. Melodias solfejando. Ventos de enfeitiçar. Doce música cantando. Para meus sonhos embalar. Sereno me esperando. Me chamando a navegar. Com seu sal me consagrando. Cheiros de enebriar. Lindas histórias contando. Só ele as sabe contar. E eu fui me entregando. Ansiando me afogar. Em seu seio mergulhando. No seu mundo descansar. Essa terra abandonando. Para nunca mais voltar.

## Indiferença.

Eu sofria.

Ela sorria.

E desdenhava.

Do frio que fazia.

Eu tremia.

Ela escarnecia

E debochava.

O frio não sentia.

Eu sofria.

Ela sorria.

Não se importava.

Pouco fazia.

O que eu temia.

Ela sabia.

E me castigava.

Cruel e fria.

## Triste resumo.

Me abstenho de falar sobre o que acho.  
O que penso, o que sinto e o que presumo.  
Pois sou óleo esquecido em velho tacho.  
Imprestável, não mais sirvo, pobre insumo.

O que vejo, do que provo, esculacho.  
Nada importa, há muito perdi o rumo.  
Desgarrado e caído de podre cacho.  
Desse mundo feito fora de prumo.

Nessa cova, da luz não vejo um facho.  
E a derrota com vergonha eu assumo.  
Tonto caio e nas trevas me esborracho.  
Solitário, infeliz, triste resumo.

## Abandono.

Eu não sei você, mas eu não sei.  
E não vou dizer, porque não vou.  
Mas não vou querer, o que não dei.  
Não vou fingir ser, o que não sou.

Mas o que eu sei, não irás saber.  
Nunca vais saber, onde eu estou.  
Nunca mais irei aparecer.  
Esquecer o quanto durou.

Eu não sei o que, aconteceu.  
Mas aconteceu, livre eu estou.  
Não sei explicar, como se deu.  
Nem vou lamentar, o que passou.

Eu não sou você, nem quero ser.  
Porque só sei ser, o que eu sou.  
Sinto te dizer, quero viver.  
Longe de você, tudo acabou.

## Última oração.

Essa beleza que teima em me encantar.  
Essa aspereza que me inflama com razão.  
Essa risada que parece me insultar.  
Essa redoma em que mora meu coração.  
Esse delírio que vem me martirizar.  
Que me aprisiona em tão doce escravidão.  
Esse axioma que eu vivo a renunciar.  
Que ultrapassa toda a compreensão.  
Toda a nobreza encontrada em um olhar.  
Depositada na mais nobre expressão.  
Queria eu de tua alma me apossar.  
Viver para sempre a mais pura sensação.  
Nesse teu corpo quero eu me afogar.  
No teu suor, ser batizado dessa unção.  
Morrer para sempre, e ao teu lado descansar.  
Beber em tua boca minha última oração.

## Se...

Se a noite fosse dia.  
E a tristeza, alegria.  
Eu iria te roubar.  
Dessa casa escura e fria.  
Cheia de melancolia.  
Para aqui comigo morar.

Se a dor fosse prazer.  
Eu faria pra você.  
Um reino de devoção.  
Cumpriria meu dever.  
Seria somente você.  
Vivendo em meu coração.

Se o revés fosse bonança.  
E a descrença esperança.  
Eu iria te buscar.  
Te mimar feito criança.  
Te guardar com segurança.  
Para sempre te amar.

Se a vida fosse sonho.  
E não esse mostro medonho.  
Que vive a me assombrar.  
Não seria tão enfadonho.  
O poema que componho.  
Tu Irias em mim, reparar...

## Nas noites em que eu te buscava.

Nas noites de solidão  
Eu te buscava sedento.  
Tu me negavas o perdão.  
Não ouvia meu lamento.

Insone eu me recolhia.  
Ao frio que me açoitava.  
Se uma esperança surgia.  
Teu desprezo congelava.

Partindo meu coração.  
Me deixando no relento.  
Entregue à contemplação.  
Nesse leito de cimento.

Sem nenhuma garantia.  
Permanecia, esperava.  
Em ansiosa agonia.  
-----Em solidão repousava.

Maldita fascinação.  
De folha lançada ao vento.  
Sem nenhuma explicação.  
Escravo desse tormento.

## Marmóreo.

Nobre Santo.  
Caia em pranto.  
Por não se fazer presente.  
Na queda de toda essa gente.  
Que não quisestes consolar.  
Pois jamais irias ajudar.  
Sem empatia.  
Até sorriria.  
Com o marmóreo sorriso.  
De filho do paraíso.

Nobre santo.  
Sinto tanto.  
Por ti e por tua malta.  
Que para mim não faz falta.  
Não sentes calor nem frio.  
Eternamente vazio.  
Feito de indiferença.  
Causa de toda doença.  
Egoísta, puritano.  
Santo do céu, desumano.

## Aventura.

Amanheceu e eu enlouqueci.  
Aconteceu e eu não me comovi.  
E resolvi, não mais me entristecer.  
E decidi, não mais aqui viver.

Quando parti, deixando assim você.  
Eu presumi, feliz assim viver.  
Vai-se saber, por que assim agi.  
Vivo a sofrer, para sempre te perdi.

## Falsidade.

Se quiser me agradar.  
Acho melhor se afastar.  
Se puder me evitar.  
Faça sem pestanejar.

Pois o meu rio não desagua no teu mar.  
Vale sombrio em que não vou caminhar.  
És cais vazio, no qual não vou atracar.

Se quiser me agradar.  
Acho melhor nem tentar.  
Se puder se retirar.  
Acho bom já começar.

Alma vazia, de ti nunca irei gostar.  
Me enfastia, não quero nem imaginar.  
Medonha e fria, me angustia só de olhar.

## Cego.

Meu olho clínico.

Um tanto cínico.

Reparou em você.

Fez-se perdido.

Doido varrido.

Clamando por lhe ter.

Quis arrancá-lo.

Fora jogá-lo.

E o fiz sem hesitar.

Pois não me vias.

Como eu queria.

Melhor não te enxergar.

## Teu templo.

Sou fiel.

Do teu templo.

Onde busco.

A fuga necessária.

A salvação.

Para a solidão.

Onde oferto.

Não dez.

Mas cem por cento.

De tudo que sou.

Do pouco que tenho.

Só não me prometa.

A cura.

Para os males que carrego.

O céu.

No qual não acredito.

## Tempo.

O tempo passa sempre tão rápido.  
Passa voando, sem empatia.  
Derrama sonhos, carrega pessoas.  
Desfaz amores, planta sofrimento.  
Gerando dúvidas, soprando saudade.  
Saudade que sempre tive, nasci assim.  
Não há tempo que me cure.  
O pouco que aprendi, não foi com ele.  
Maldito tempo, que não tem pena de ninguém.  
Sempre canalha, traiçoeiro e egoísta.

## Abiectum

Pessoas, palavras e sonhos.  
Ressoam, sufocam, medonhos.  
Sorriem sem alma, fazem sofrer.

Pessoas, palavras, mentiras.  
Destoam, entoam, destilam.  
Veneno, amargo de beber.

Mentiras, palavras, pessoas.  
Que um dia (duvido) foram boas.  
Mas hoje, fáceis de esquecer.

Pessoas, ínfimas, perversas.  
Rutilam, desfilam, eretas.  
Mesmo com tanto a esconder...

Conspiram, expiram, infectas.  
Das trevas, crias abjetas.  
Do mal que irão padecer.

## Um certo dia...

Havia um certo homem  
Correto.  
Mas que nunca se sentia  
Completo.  
Pois tudo o que fazia  
Dava errado.  
E tudo o que queria  
Lhe era negado.  
Tudo o que construía  
Era quebrado.  
E nada o que dizia  
Valia.  
Um tostão furado  
Coitado...  
Também, havia um homem  
Aceito.  
Que tudo o que fazia  
Era perfeito  
Tudo o que dizia  
Era acatado.  
Que sobre todos tinha  
Direito.  
Por todos era muito  
Temido  
Por todos respeitado  
Amado.  
Por um amor fingido  
Coitado...  
Viviam os dois cingidos  
Atados.  
Vagando distraídos  
Fingiam.  
Que não se conheciam

Seguam.

O tal homem correto

Errado.

O tal homem aceito

Frustrado.

Vivendo sem proveito

Coitados...

## Pequenas coisas ou coisas pequenas...(Prosa poética)

Chego cedo para um encontro qualquer, convidado por quem não quero mais ver, cuja presença me enfastia, cuja voz é irritante e a simpatia é quase nenhuma. Alguém que praticamente não é ninguém, que fede a cheiro vulgar, que emana com seu hálito adocicado de diabético, a impressão de quem já morreu faz tempo...Aliás, eu particularmente detesto hálitos doces, cheiros vulgares, convites e vozes -irritantes ou não- macias ou ásperas, contínuas ou entrecortadas. Gosto de hálito salgado, corpo molhado de suor inodoro, de mamilos, umbigo, lóbulos de orelhas, línguas mudas, gosto de silêncio, de olhos que falam, e que depois se fecham arrependidos do que disseram, de suspiros de tédio e solidão, de choro justo e verdadeiro, gosto do que nunca vi, do que nunca tive. Chego tarde, não para um encontro qualquer, chego de propósito tarde demais para uma festa, chego quando a festa já acabou, entre restos de comida, restos de bebidas em copos contaminados por pessoas contaminadas por corpos imperfeitos ou impecáveis esteticamente, corpos que hospedam almas sobre às quais nem quero falar, prefiro falar dos ratos, sempre apressados, sempre se escondendo, que urinam em sua comida, aí você morre(acho que não de propósito, diferente das pessoas) chego tarde propositalmente, ainda sinto o cheiro da ilusão que pouco a pouco se dissipa em bruma tóxica, as luzes já se apagaram, os últimos funcionários recolhem o lixo produzido(tudo e todos geram lixo, lixo, lixo e mais lixo), cansados e infelizes, não sentem cheiro de nada, do odor de urina, do álcool derramado, da urina dos ratos(tem cheiro?) de toda essa merda, dessa merda toda...Breve voltarão para suas casas, perdidos, ou se perderão por aí, sem rumo, talvez à procura de alguma festa que lhes caiba. E eu aqui, enfim sozinho (não pertencço à festa nenhuma), mas muito bem acompanhado (juro e minto cinicamente, pois adoro jurar e mentir para mim mesmo), de uma garrafa cheia de bebida destilada, de sonhos lúcidos embora incontroláveis, farsantes, mentirosos e ilusórios. Acompanhado de uma angústia inesgotável. Mordo minha língua(acordo), dói e sinto o gosto de sangue, do meu sangue, ponho meu dedo indicador sobre a pequena ferida pressionando-a até o sangue estancar, pouco sangue é verdade, que fede a sangue é claro, salgado e frio. Acho que vou ficar por aqui até que quem me convidou para o encontro que eu não queria ir, se canse e vá embora, frustrada, talvez magoada, triste, se sentindo desprezada, preterida, não sei, não importa, melhor (ah, se essa pessoa soubesse...) ser infeliz por um instante do que pela vida inteira.

## Apareça...

Apareça e por favor não se esqueça.  
De trazer algo, algo que me apeteça.  
A vontade de viver novamente.  
O desejo de lhe ver tão somente.  
Traga contigo a pequenina semente.  
Que faça em minha alma florescer.  
Novamente a vontade de viver.  
Apareça, traga uma sincera prece.  
Para mim que tanto precisa e merece.  
Com carinho, juro, vou lhe acolher.  
No meu ninho, onde irei lhe aquecer.  
Apareça, nos faça esse favor.  
Sinto frio, me derrete esse calor.  
Apareça, pode vir sem avisar.  
Sem a desculpa de alguma coisa precisar.  
Mas só venha de livre e espontânea vontade.  
Não suporto, não tolero caridade.

## As dores do tempo...

As dores do tempo.  
Que passa sem pressa.  
Em rápidos movimentos.  
Deixando sua marca impressa.  
Minha alma maltrata.  
Meu corpo destrói.  
Com bala de prata.  
E como isso dói.  
E mente que ensina.  
Finge o tempo todo.  
Devassa, escrutina.  
Em sádico engodo.  
Qual vento traiçoeiro.  
Muda de direção.  
Sempre sorrateiro.  
Me traz aflição.  
O Tempo é matreiro.  
Que mentindo o tempo inteiro.  
Acha que a todos engana.  
Mau, interesseiro.  
Mente, trai, difama.  
Mas, sigo seu roteiro.  
Chafurdo em sua lama.

## Êxtase.

Dê de beber do teu viço.  
Teu doce suor salgado.  
À esse escravo submisso.  
Prisioneiro afogado.  
Nesse mar com que me banhas.  
Com o sulco de tuas estranhas.  
Com esse óleo consagrado.  
Que bebo no cálice de teu templo.  
Desse néctar me alimento.  
Em que toda noite me batizo.  
E nas planícies do teu leito.  
Inebriado, satisfeito.  
Os meus sonhos realizo.  
Eu cavalgo cavalgado.  
Obediente, convencido.  
Pronto para me banhar.  
Desse teu gozo sagrado.  
Extasiado, escravizado.  
Adormecendo, embevecido.  
À santa arte de te amar.

## Dívida.

Chame do que quiser.  
Esperneie, bata o pé.  
Você roubou.  
E continua roubando.  
Você falhou.  
E continua falhando.  
Titubeou.  
E defendendo sua fé.  
Aos céus clamando.  
Deliberou.  
Manter-se insano.  
Continua fingindo.  
Permanece enganando.  
Se envaidecer sorrindo.  
Às vezes até gargalhando.  
Mas quando é confrontado.  
Jura, chora consternado.  
Que não foi sua intenção.  
Enganar quem lhe amava.  
Desprezar quem esmolava.  
Um pouco de afeição.  
Cuspir no prato ofertado.  
Simples, mas bem preparado.  
Quase que com devoção.  
Espero te ver no inferno.  
E que ele seja eterno.  
Espero lá te encontrar.  
E no choro permanente.  
No doce ranger de dentes.  
Tua dívida cobrar.  
Mas não, eu não tenho pressa.  
É somente uma esperança.  
Não, não me interessa.

Que o universo perverso.  
Esse criminoso confesso.  
Puna tão somente a mim.  
É meio que um anseio.  
Uma quimera, um devaneio.  
Que nunca terá um fim.  
Um desejo de vingança.  
Mais puro que uma criança.  
Que baila em inocente dança.  
Até cair de exaustão.  
Ser contigo enterrado.  
Não digo que a seu lado.  
Mas lacrado no mesmo caixão.  
Apodrecer junto contigo.  
Saboreando o castigo.  
Inspirando a podridão.  
Que do teu corpo emana.  
Que da minha alma clama.  
Teu pedido de perdão.

## Recomeçar.

Não dá pra viver cercado.  
Por esse passado.  
Que não voltará.  
Pois não há.  
Razão...  
Viver o presente.  
E seguir em frente.  
Basta acreditar.  
Pois não há.  
Motivo.  
Tens a teu favor.  
O teu próprio amor.  
Hora de largar.  
Aceitar.  
O tempo.  
Curto e traiçoeiro.  
Mas teu companheiro.  
Nesse caminhar.  
No recomeçar.  
Deixa estar.  
Tudo vai passar...

## Pela glória que não se realizou...

Pare de sonhar.  
Escrever não faz sentido.  
Teu poema é de um pobre sonhador.  
Um penetra, um reles desconhecido.  
Que mastiga lentamente a própria dor.

Pare de esperar.  
Ser por alguém percebido.  
O poeta nunca passará de um tolo.  
A viver nesse mundo distorcido.  
Com palavras que só servem de consolo.

Pare de gritar.  
Sem ser ouvido.  
Por aquela que há muito te deixou.  
Tanto faz se tu tivesses morrido.  
Para aquela que a face lhe virou.

Pare de rimar.  
Versos sofridos.  
És Incapaz de vencer esse terror.  
Não importa o quanto tenhas sofrido.  
Tu jamais suplantarás esse rancor.

Pare de lutar.  
Já estais vencido.  
Derrotado pela guerra que travou.  
Mendigando ser um dia recebido.  
Pela glória que tanto idealizou.